

Ilustração 14 - *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 03/09/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional. (primeira fotografia - *O aniversário do Prefeito Municipal*. Segunda fotografia - *inauguração da Escola Rodrigues Alves*. Com a presença de Rodrigues Alves, Pereira Passos, Medeiros e Albuquerque e outras autoridades).

A imagem fotográfica era tão desejada porque gerava uma “fé cega”, ou seja, ela era considerada não uma imagem do real, mas a própria realidade, sendo capaz de comprová-la ou até mesmo de desmenti-la. A confiança na imagem fotográfica era tão grande que ela podia tornar qualquer coisa real aos olhos do público. Foi diante dessa concepção de objetividade da imagem fotográfica, de sua capacidade de documentar e atribuir veracidade, que a imprensa, homens públicos e as empresas especializadas em reclames introduziram e investiram nas técnicas da fotografia. Havia um esforço para ilustrar o máximo possível. Além de atrativa, a imagem era evidência ou prova incontestável de um ideal, notícia, reportagem ou produto. Sobre o assunto, Olavo Bilac dizia:

*As palavras são traidoras, e a fotografia é fiel. A pena nem sempre é ajudada pela inteligência; ao passo que a máquina fotográfica funciona sempre e sob a égide da soberana Verdade, a coberto das inumeráveis ciladas da Mentira, do Equívoco, e da Miopia intelectual. Vereis que não hão de ser tão freqüentes as controvérsias...*⁸⁵

Nos jornais e revistas, ao lado da foto, havia sempre um artigo ou crônica associada à fotografia, quase sempre reafirmando a idéia da imagem, até porque o texto escrito parecia passar pela minimização de seu fascínio em detrimento da imagem. Ao lado de uma fotografia, ele exercia apenas a função de abalizador da mesma. O escrito tinha certa submissão à imagem, ocupando um lugar secundário nas páginas do impresso que se valia desse recurso. No segundo número do *Jornal da Exposição*, por exemplo, Bilac inicia a crônica comentando a fotografia, publicada no jornal, de um retrato produzido por uma máquina de tear capaz de elaborar retratos de seda. O cronista detalhava as vantagens do novo tear, reafirmando a intenção da imagem, que era expor uma das atrações da Exposição Nacional, como forma de enaltecer o evento.

O Jornal da Exposição publica hoje um interessante clichê fotográfico, reproduzindo um retrato tecido em seda no tear do Sr. E. Capitani, instalado no Palácio da Indústria. Estive ontem quase uma hora diante dessa máquina extraordinária, de uma simplicidade notável, e parecendo entretanto, pela certeza matemática do seu funcionamento, dotada de inteligência própria, de uma vontade autônoma. Todos se demoraram ali, como eu me demorei ontem, a admirar a maravilhada precisão com que os fios de seda, separando-se, unindo-se, tornando a separar-se, conjugando-se, combinando-se,

⁸⁵ BILAC, Olavo. Crônica. In. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13/01/1901. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

*vão pouco a pouco formando a tela nítida, em que traçam todas as linhas, todos os contornos, todas as nuances do motivo do desenho, com uma absoluta perfeição nas combinações do claro-escuro. (...) É a primeira vez que se encontra no Brasil, e na América, este processo artístico, que é uma especialidade de poucos centros europeus da indústria(...).*⁸⁶

Olavo Bilac não compartilhava da sedução que a sociedade passou a ter pelas novas técnicas de difusão coletiva, principalmente com o cinematógrafo e o gramofone. Ele demonstrava, em suas crônicas, ter certa aversão ou receio pelas outras técnicas de difusão que, a cada dia, se popularizavam, esfacelando, aos poucos, o gosto das pessoas pelo texto escrito. O cronista, que passou maior parte da vida escrevendo para jornais e revistas, tinha certo medo do jornal ser substituído, perdendo seu valor, e conseqüentemente desvalorizando a produção dos homens de letras, como ele próprio, que viviam da colaboração para as folhas diárias. O receio que o cronista nutria quanto à possível extinção dos impressos, ajuda a explicar seu desprezo pelo advento das tecnologias de seu tempo relacionadas à comunicação.

Outro medo alimentado pelo cronista era em relação às transformações que ocorriam na imprensa em paralelo, e, ao mesmo tempo em confronto, com as invenções que aos poucos se popularizavam nas grandes cidades. Bilac cria que a vida profissional dos escritores-jornalistas estava ameaçada diante da realidade que se formava em torno de novas técnicas e do “império da imagem”. Ele utilizava a tese hiperbólica de que os homens das letras tornar-se-iam desnecessários para as páginas do jornal, para criticar enfaticamente o apelo de outras formas de linguagem nos meios escritos de comunicação, pois se a atenção se voltasse totalmente para as imagens, a imprensa apelaria para esse recurso, abrindo mão de outros. Bilac se enganou em relação ao risco de extinção do jornal, pois, na verdade, o que ocorreu foi exatamente o contrário: os periódicos proliferaram, embora a maioria deles seguindo uma outra dinâmica, a da imprensa empresa. Outro engano foi pensar que o espaço reservado aos homens das letras estava em risco, o que houve realmente foi a necessidade de adaptar-se às novas exigências, redefinindo a técnica da escrita em consonância com as transformações tecnológicas.

Olavo Bilac, diante dessas questões, dizia:

⁸⁶ BILAC, Olavo. Crônica. In. *Jornal da Exposição*. n° 02, p.1. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Vem perto o dia em que soará para os escritores a hora do irreparável desastre e da derradeira desgraça. Nós, os rabiscadores de artigos e notícias, já sentimos que nos falta o solo debaixo dos pés... um exército rival vem solapando os alicerces em que até agora assentava a nossa supremacia: é o exercito dos desenhistas, dos caricaturistas e dos ilustradores. O lápis destronará a pena.

É provável que o jornal-modelo do século XX seja um imenso animatógrafo, por cuja tela vasta passem reproduzidos, instantaneamente, todos os incidentes da vida cotidiana. Direis que as ilustrações, sem palavras que as expliquem, não poderão doutrinar as massas nem fazer uma propaganda eficaz desta ou daquela idéia política. Puro engano. Haverá ilustradores para o louvor, ilustradores para a censura, ilustradores para a sátira, ilustradores para a piedade.

No jornalismo do Rio de Janeiro, já se iniciou a revolução, que vai ser a nossa morte e a opulência dos que sabem desenhar.

Saudemos a nova era da imprensa! A revolução tira-nos o pão da boca, mas deixa-nos aliviada a consciência.⁸⁷

Não há como negar que as imagens se proliferaram na imprensa, especialmente nas revistas ilustradas e nos suplementos ilustrados; apresentar este fato como uma ameaça ao ofício dos escritores era um exagero deliberado de Olavo Bilac de modo a produzir um efeito que chamasse a atenção do leitor. É bem verdade que as ilustrações provocaram mudanças na estrutura dos periódicos e nos gêneros que os compõem, mas não foi a morte declarada aos homens de letras. A relação entre imagem e escrito nunca foi uma relação de exclusão, mas de complemento. Tanto as imagens como os gêneros escritos, principalmente a crônica, trabalhariam juntos para doutrinar e propagar idéias, função que o jornal havia minimizado, porém nunca abandonado.

Lima Barreto também escreveu sobre a imprensa e a modernização dos artefatos mecânicos, assumindo uma postura crítica. Sua preocupação não era precisamente com os aparelhos de reprodução de som e imagem, mas com a forma como a grande imprensa de sua época se apropriou deles com perspectiva empresarial. Sua inquietação era com a maneira que os grandes jornais usavam esses recursos. Barreto não se importava tanto com o aparelhamento da imprensa, mas, principalmente, com o conteúdo que a imprensa circulava através dele. Quando muito, Barreto revelou seu estranhamento em relação aos novos aparelhos que ocupavam o cotidiano carioca, como no caso em que abordou, por exemplo, a substituição do traçado manual pelo registro mecânico.⁸⁸

⁸⁷ Idem.

⁸⁸ BARRETO, Lima. Crônica. In. *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro, 18/06/1911. Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional.

A oposição constante de Barreto se direcionava aos jornais com publicações de grande tiragem, porque eles se moldavam de acordo com o público leitor, dando oportunidade como colaboradores somente a escritores já consagrados.⁸⁹ Dificilmente (,) um escritor inexperiente ou desconhecido era aceito como colaborador, mesmo assim, quando acontecia – na maioria das vezes por apadrinhamento – a direção do jornal exercia forte controle sobre os textos recebidos para publicação. No entanto, sua relação com os jornais de pequeno porte era amistosa, pois muitas vezes era tido como antípoda dos periódicos da imprensa empresarial que criticava. A maioria dos jornais com os quais Lima Barreto colaborou e manifestou simpatia foram jornais de pequena tiragem como *O Malho*, *Hoje*, *ABC*, *A lanterna*, *O diabo*, entre outros.⁹⁰

A combinação das novas técnicas de difusão coletiva com a imprensa empresarial levou a mudanças nos gêneros presentes nos periódicos. O gramofone, o cinematógrafo, o fonógrafo e outras inovações tecnológicas redefiniram a sensibilidade e a recepção dos leitores, que, aos poucos, desinteressavam-se pelos textos longos devido ao encantamento com as outras formas de ver e ler o mundo. Como o jornal-indústria era feito com o fim de obter lucros, era necessário torná-lo o mais atraente possível, criar uma linguagem, um estilo que agradasse ao maior número de leitores. Esse é um dos fatores responsáveis pela transformação na imprensa escrita, associado a outros, como os reclames e o apego ao tempo do imediato (instante). De acordo com o cronista.

O público tem pressa. A vida de hoje, vertiginosa e febril, não admite leituras demoradas, nem reflexões profundas. A onda humana galopa, numa espumarada bravia, sem descanso. Quem não se apressar com ela, será arrebatado, esmagado, exterminado. O século não tem tempo a perder.

*Já ninguém mais lê artigos. Todos os jornais abrem espaço às ilustrações copiosas, que pelos olhos da gente com uma insistência assombrosa. As legendas são curtas e incisivas: toda a explicação vem da gravura, que conta conflitos e mortes, casos alegres e casos tristes.*⁹¹

O ofício de cronista se modificava porque a imprensa e o público do jornal também haviam se modificado. Bilac, em sua trajetória jornalística, tem todo cuidado

⁸⁹ BARRETO, Lima. *Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993. p.119-227-247-262.;

⁹⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª edição., Rio de Janeiro: Editora Mauad, 1999. p. 335,336.

⁹¹ Idem.

para agradar tanto ao público como aos responsáveis pelos periódicos em que colaborava, seja com romance-folhetim, soneto, versos-reclame, e, principalmente, com as crônicas.

O cotidiano carioca se acelerava gradativamente. As inovações tecnológicas, o processo de industrialização e as reformas na cidade tornavam a vida no Rio de Janeiro mais dinâmica. Além disso, a imprensa também se modernizara e seguia um novo ritmo de trabalho, que parecia acompanhar o movimento das ruas da cidade. Como Bilac afirmava, o público tinha pressa e a redação também. Os cronistas entraram nessa correria e tiveram que sintonizar suas crônicas com a nova realidade. Os textos jornalísticos tornaram-se mais sucintos e objetivos, mais informativos e menos opinativos. A crônica não se manteve intocável, porém, foi nesse período que ela mais se diferenciou dos outros gêneros jornalísticos, como o espaço reservado à opinião e à crítica.⁹²

A crônica resistiu à tendência de padronização da linguagem jornalística, mas também se adaptou a ela, tornando-se o espaço literário por excelência do jornalismo. Os homens de letras, ao elaborarem suas crônicas, pareciam querer diferenciar sua produção das demais, para se identificarem como literatos. Nesse sentido, a excessiva ornamentação foi, para alguns, o caminho preferencial para delimitar as fronteiras do campo literário, do artístico com aquilo que era puramente jornalístico. Bilac buscou se opor ao coloquialismo próprio das reportagens e do noticiário. Chegou até a noticiar em versos nas “Gazetas rimadas” ou mesmo em suas crônicas.⁹³ Procurava tornar seu espaço no jornal um espaço diverso, para assim garantir a manutenção de sua colaboração no impresso.

Os cronistas, bem como todos os colaboradores do jornal, produziam uma escrita próxima à pressa do cotidiano urbano, que cada vez mais se acelerava; a perseguição pelo instante foi responsável pelo fortalecimento da crônica na imprensa, que parecia funcionar como notícia, mas marcadamente diversificada do noticiário. Era o gênero que melhor unia o literário com o jornalismo no contexto em questão. O gênero que parecia estar no cerne da percepção de uma aceleração do tempo e da busca pela modernização. O tempo-corrosão, a pressa cotidiana da virada de século fez os jornais,

⁹² CANDIDO, Antonio. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas – SP: Ed. Unicamp/ Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

⁹³ BILAC, Olavo. Crônica. In. *Gazeta de Notícias*. 03/09/1905.; BILAC, Olavo. Crônica. In. *Kosmos*. 10/1905.

revistas e seus textos curtos terem maior importância que o livro que era mais difícil de ser reproduzido, e se debruçava demoradamente sobre alguma idéia. Mas, de acordo com Flora Sussekind, alguns escritores se adaptaram à nova forma de encarar o tempo, alguns até fizeram romances com capítulos curtos e objetivos que mais pareciam um livro de crônicas. Enquanto outros tentavam desacelerar o tempo criando idéias eternas como uma tentativa de fugir do tempo-corrosão próprio da era das máquinas.⁹⁴

A crônica, como gênero mais enxuto, era uma nova forma de se fazer literatura, a partir de uma escrita mais ligeira, forma mais apreciada pelos leitores da época. Mas alguns escritores de crônicas quiseram conservar o estilo rebuscado, prolixo e preciosista, resistindo à simplificação. A crônica foi um dos gêneros mais cultuados no início do século XX, adequados à época da escrita vertiginosa.⁹⁵ A literatura parecia ter se curvado às exigências da imprensa diária, todavia conservando seus aspectos literários. Os escritores adotaram uma escrita mais condizente com as exigências da época em vias de modernização. Lima Barreto, por exemplo, com a limpeza de sua prosa, escrevia crônicas diretas, objetivas, e de fácil entendimento, concebia a crônica como o espaço privilegiado da literatura no jornal, assim como o folhetim.

No caso de Bilac, podemos notar que em algumas crônicas ele resiste à tendência do momento de adotar uma escrita mais objetiva, informativa e satírica, fazendo questão de demonstrar a diversidade de sua produção artística com o jornalismo. Isso pode ser observado no excesso de vocativos, sinônimos, palavras chamativas, frases de efeito, abandono de assuntos corriqueiros, analogias com outras temporalidades que não o imediato, que foram recursos utilizados pelo escritor como meio de delimitar precisamente o espaço do texto jornalístico com o do texto literário. Um esforço de diferenciação demonstrado, principalmente, nos textos antípodas aos textos jornalísticos.

Mesmo a crônica bilacquiiana se submeteu à simplificação, suavizando a linguagem e minimizando o requinte gramatical. Se compararmos a crônica às suas poesias e aos seus discursos proferidos na Academia Brasileira de Letras, em conferências, ou solenidades políticas, torna-se ainda mais notável a simplificação, quase uma obrigação do próprio gênero e da sua finalidade. O cronista acompanha o

⁹⁴ SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 103.

⁹⁵ CANDIDO, Antonio. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas – SP: Ed. Unicamp/ Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

processo de reaparelhamento das empresas jornalísticas e reconhece que a mediação de aparelhos mecânicos fez dos homens de letras escritores profissionais, ou operários da imprensa e não escritores-artistas. Há em Bilac ora recusa ora assimilação das aceleradas mudanças alimentadas pelo desejo de modernização, o que expressa a complexidade de caráter do cronista.⁹⁶

1.4 HÁ DE TUDO UM POUCO: CRÔNICAS, CRONISTAS E O JORNALISMO DE VARIEDADES

No início do século XX, as revistas de variedades ou ilustradas se destacaram em relação aos demais periódicos. Elas apresentavam uma proposta diferenciada do que se tinha até então. As revistas ficaram conhecidas como *Ilustradas* porque grande parte do seu espaço era destinada às imagens e, como de *Variedades*, porque traziam uma variedade imensa de assuntos para agradar diversos tipos de leitores. A idéia era atrair o maior número possível de leitores diante do pequeno, porém crescente, público leitor e consumidor da época. A revista aparece como um intermediário entre o jornal e o livro, com custo mais baixo que o livro, ao alcance de poucos naquele momento por ser dispendioso, e com mais diversidade que o jornal. O formato e conteúdo das revistas simbolizavam o “espírito da época”, o passo dado pela imprensa rumos aos novos tempos que se apresentavam.⁹⁷

Encontrava-se de tudo um pouco nas revistas, de notícia policial à literatura infantil. Tudo era aceito com o objetivo de atender a todos os gostos no âmbito do mercado. Esta estratégia é uma das razões do sucesso do negócio da revista. Exemplo disso são as revistas *Kosmos*, *Careta*, a *Revista da Semana*, etc. Porém, sob um olhar mais atento, por traz do título *variedades*, percebia-se a predominância de uma tendência, que funcionava como carro chefe direcionador das revistas. Conforme elucidada Sergio Micelli, a maioria dessas revistas, *Revista da Semana*, *Kosmos*, *A Rua do*

⁹⁶ DIMAS, Antonio. Entre o gabinete e a redação. In. *Bilac, o jornalista: Ensaios*. São Paulo: Edusp, Unicamp, Imprensa Oficial. 2006. p.119-130.

⁹⁷ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001. pág. 40.

Ouvidor, Fon-Fon, Careta, etc. Visava atingir um público essencialmente feminino.⁹⁸

A consolidação das revistas ilustradas, que passava inevitavelmente pelos recursos modernos e práticos que atendessem às novas exigências dos leitores e à dinâmica da cidade, inspirou também os jornais. Sobretudo no que se refere à questão da variedade, os jornais diversificaram significativamente seu conteúdo, sem mencionarmos os suplementos ilustrados, outra evidência da sintonia com as revistas ilustradas e de variedades. Mesmo assim, havia diferenças evidentes entre as revistas e os jornais, os distinguindo perfeitamente.

⁹⁸ MICELLI, Sergio. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977. p. 76.

Suplemento Ilustrado

AN O ANO II

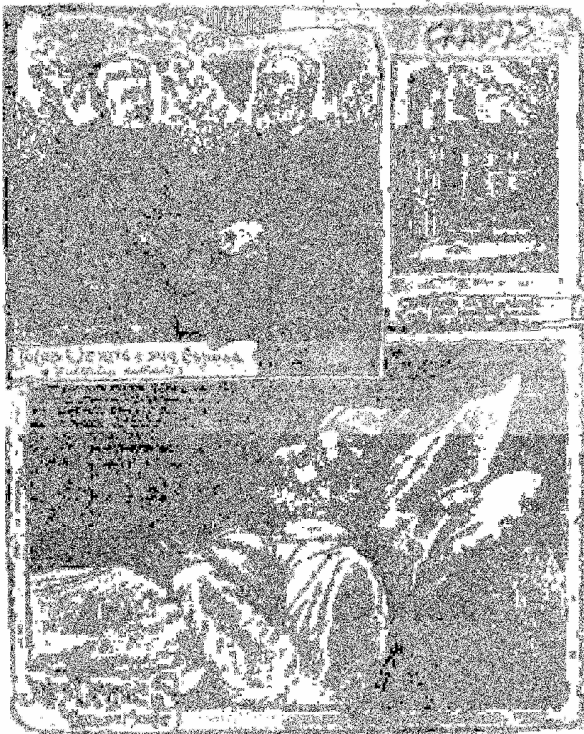
GAZETA DE NOTÍCIAS

1905, 30 DE ABRIL

LILO VERNER

A MORTE DE UM GRANDE ROMANISTA POPULAR

Liло Verner, um dos mais famosos romancistas populares do Brasil, morreu em 28 de abril de 1905, em decorrência de uma doença prolongada. O autor de obras como "O Rei do Rio" e "O Rei do Mar" deixou um legado literário importante. Sua morte é considerada uma grande perda para a literatura popular brasileira.



Liло Verner nasceu em 1870, em São Paulo. Foi um dos mais populares romancistas brasileiros. Suas obras foram muito lidas e admiradas pelo povo. Ele morreu em 28 de abril de 1905, em decorrência de uma doença prolongada. Sua morte é considerada uma grande perda para a literatura popular brasileira.



Liло Verner nasceu em 1870, em São Paulo. Foi um dos mais populares romancistas brasileiros. Suas obras foram muito lidas e admiradas pelo povo. Ele morreu em 28 de abril de 1905, em decorrência de uma doença prolongada. Sua morte é considerada uma grande perda para a literatura popular brasileira.

OS DEUSES POLIETRA PARA AS CRIANÇAS

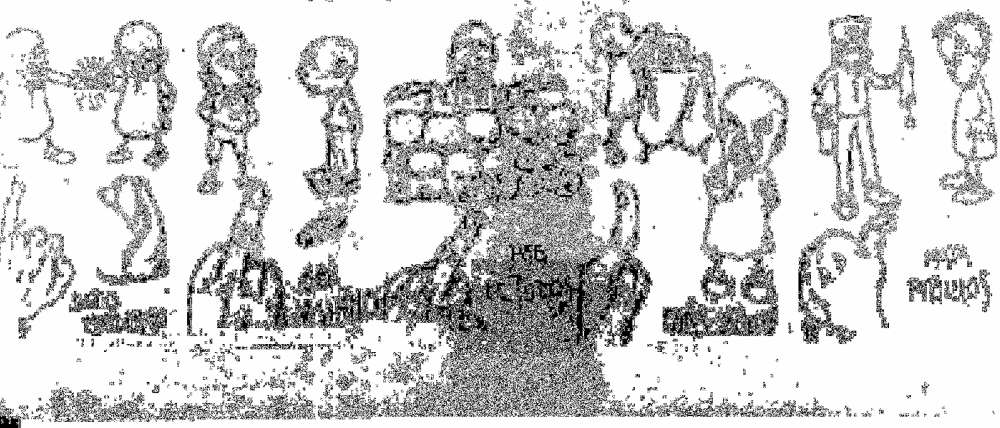


Ilustração 15 - Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 30/04/1905. Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional.

Os jornais passariam a ter uma série de atrativos que se voltavam para a curiosidade do momento, o estudioso Juarez Bahia nos aponta algumas delas. Ele afirma que nesse momento *inaugurava-se na então capital da república o placar de informações. Grandes tabuletas, penduradas nas fachadas dos jornais, mostravam a notícia de última hora, resumos de manchete, telegramas e comunicados precedentes de fontes nacionais e estrangeiras.*⁹⁹ A idéia do jornal esportivo, ou do placar de informação, ou do noticiário estrangeiro é a busca por atender às curiosidades dos leitores. Por exemplo, o uso do telégrafo e de correspondentes não era com a intenção de internacionalizar o jornal, mas de atrair a atenção para o público leitor que tinha curiosidades em relação ao exterior, principalmente em tempos de Primeira Guerra.¹⁰⁰

As notícias internacionais, feitas através do telégrafo, eram utilizadas por quase todos os jornais, que orgulhosamente se gabavam do contato com o exterior, mas Lima Barreto fez uma crítica a essa prática, típica do jornalismo na época, também confirmando que a idéia central não era internacionalizar o veículo. O cronista, ao enumerar alguns problemas no jornalismo do Rio de Janeiro, destaca que alguns jornais, como o Correio da Manhã, não tinham realmente um serviço de notícias internacionais. Ele dizia: *temos aqui uma sessão interessante: “o que vai pelo mundo”. Vou ter notícias da França, do Japão, da África do Sul, penso eu. Leio de fio a pavio. Qual nada! O mundo aí é Portugal só e unicamente Portugal.*¹⁰¹

Lima Barreto achava necessário esse contato com o exterior, mas desde que se realizasse com países realmente importantes e, tão somente, caso as notícias também o fossem. Para ele o interessante era saber sobre informações da política, e aspectos sociais de outros países, e não as notícias pitorescas comumente veiculadas que o cronista não julgava “edificantes”. Seria mais relevante se dedicar inteiramente às questões locais do que sustentar a hipocrisia de que o jornal fazia a cobertura do mundo. Podemos notar que nesse trecho Barreto revela ainda seu desprezo e insatisfação com os colaboradores de Portugal, nutrido pelo fato dos escritores lusos terem prioridade e melhor remuneração no jornalismo brasileiro do que escritores brasileiros do seu mesmo patamar.¹⁰²

Nos jornais do início do século, era comum encontrar, além de crônicas, notícias

⁹⁹ BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: IBRASA, 1972. p. 57.

¹⁰⁰ Idem.

¹⁰¹ BARRETO, Lima. Crônica. In. *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro. 18/10/1911.

¹⁰² Idem.

esportivas, movimento de câmbio, mercado do café, discursos de políticos e literatos, recomendações médicas, notas de repartições públicas, charges, folhetim, reportagens policiais, concurso de beleza ou concurso de soneto, avisos de associações, notícias sobre a vida social, sonetos, etc.¹⁰³ Olavo Bilac e Lima Barreto não questionavam essa variedade, mas lamentavam a prioridade e a dedicação que o jornalismo de forma geral dispensava a alguns de seus elementos constituintes. Veja o que Barreto diz, por exemplo:

Os nossos jornais diários têm de mais e têm de menos; têm lacunas e demasias. Uma grande parte deles é ocupado com insignificantes notícias oficiais. Há longas seções sobre, exército, marinha, estradas de ferro, alfândega, etc. de um interesse, ou melhor, se há neles interesse, toca a um número tão restrito de leitores que não vale a pena sacrificar os outros, mantendo-as. A reportagem de ministérios é de uma indigência desoladora. Não há mais nada que extratos do expediente; e o que se devia esperar de propriamente reportagem, isto é, descoberta de atos premeditados, de medidas em que os governantes estejam pensando (...) não se encontra.¹⁰⁴

Lima Barreto questionava a abundância de notícias oficiais e as reportagens de ministérios. A primeira porque se tratava de algo desnecessário que não precisava ocupar as páginas dos jornais. A segunda, porque as reportagens não focavam o que realmente era essencial sobre os ministérios. Barreto, conhecedor do universo jornalístico, sabia que o limitado espaço dos impressos não deveria ser ocupado com futilidades, mas com serviços úteis à maioria dos leitores. Na sua concepção de jornalismo, ele acreditava que a imprensa deveria cumprir a função de informar, opinar e formar opinião sobre questões emergentes na sociedade. O cronista segue:

Demais, não está aí só o emprego inútil que os nossos jornais fazem de um espaço precioso. Há mais ainda. Há os idiotas binóculos. Longe de mim o pensamento de estender o adjetivo da seção aos autores. Sei bem que alguns deles o não são; mas a coisa é com plena intenção dos seus criadores. Não se compreende que um jornal de uma grande cidade esteja a ensinar às damas e aos cavalheiros como devem trazer as luvas, como deve cumprimentar e outras futilidades.

¹⁰³ Almanak do Tagarela (07/1903); A Lanterna (11/1902); Careta (1915 – 1920); Correio da Manhã (04/1905 – 06/1906); Correio da Noite (14/12/1914 – 31/12/1914); Correio Paulistano (10/09/1907 – 18/06/1908); Diabo (1903); Fon – Fon (04-12/1907); Gazeta da Tarde (1911); Gazeta de Notícias (07/01/1900 – 25/10/1908); Jornal da Exposição (09/1908 – 11/1908); Kosmos (03/1904 – 05/1908); Quinzena Alegre (1903); Revista da Época (10/1903 – 1904); Revista Floreal (05/1908); Revista Contemporânea (1918).

¹⁰⁴ BARRETO, Lima. Crônica. In. *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro. 18/10/1911. Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional.

*De resto, esses binóculos, gritando bem alto elementares preceitos de civilidade, nos envergonham.*¹⁰⁵

Binóculo era uma coluna diária publicada no jornal *Gazeta de Notícias* (1907-1914), que se dedicava excepcionalmente a aconselhar pessoas a seguir determinadas regras de comportamento e moda, ou seja, o que usar, onde usar, como usar, principalmente como agir em lugares públicos, em especial, nos ambientes da Avenida Central. A coluna fez tanto sucesso que os jornais adotaram em suas folhas sessões semelhantes, viviam a observar os comportamentos das pessoas e determinar regras de etiqueta na alta sociedade, como padrão a qualquer cidadão. Aqueles que se dedicavam a tal prática ficaram conhecidos como *binóculos*.¹⁰⁶ Barreto se indignava com tal postura dos jornais, tendo em vista que eles consideravam os hábitos da alta sociedade carioca como o ideal de boas maneiras a ser seguido por todos. Lima Barreto via nos *binóculos* uma contradição, os conselhos eram dados como uma forma de se igualar aos países-modelo, num esforço de demonstrar que o Brasil não era diferente, porém os estrangeiros que tivessem contato com os jornais teriam a sensação de que não se sabiam as regras básicas de civilidade. Mas sua indignação maior era com os homens de letras, que se ocupavam dessa função, negligenciando o que ele acreditava ser o papel dos escritores. O cronista estende, ainda, sua crítica a uma outra sessão que ocupava as páginas da imprensa:

Existe, a tomar espaço em nossos jornais, uma outra bobagem. Além desses binóculos, há uns tais diários sociais, vidas sociais, etc. em alguns tomam colunas, e, às vezes, páginas. Aqui nessa Gazeta, ocupa, quase sempre duas e três.

Mas isso é querer empregar espaço em pura perda. Tipos ricos e pobres, néscios e sábios, julgam que as suas festas íntimas ou os seus lutos tem um grande interesse para todo o mundo. Sei bem o que é que se visa com isso: agradar, captar o níquel, com esse meio infalível o nome no jornal.

*Mas, para serem lógicos com eles mesmos, os jornais deveriam transformar-se em registros de nomes próprios, pois só os pondo aos milheiros é que teriam uma venda compensadora.*¹⁰⁷

Lima Barreto não fazia rodeios, simples e objetivo ia direto ao ponto, sem temer

¹⁰⁵ Idem.

¹⁰⁶ NEEDELL, Jeffrey d. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 153, 154, 192, 200.

¹⁰⁷ BARRETO, Lima. Crônica. In. *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro. 18/10/1911. Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional.

as conseqüências. Não se furtou às críticas mesmo sabendo que no próprio jornal em que sua crônica veiculava havia grande espaço destinado às colunas sociais. A *Gazeta da Tarde*, “periódico empresa” de pequena circulação, que saía normalmente com seis ou oito páginas, dedicava boa parte delas à coluna social, como ele mesmo registrou. Daí a insatisfação de Lima Barreto em não aceitar que a imprensa dedicasse tanta importância às questões pessoais que não diziam respeito ao interesse comum, fazendo do jornal um trampolim para aumentar a notoriedade das pessoas, pois naquele momento ter o nome circulando nessas sessões representava aumento de prestígio e de popularidade, proporcionando satisfação pessoal. Os nomes próprios povoavam os periódicos, por serem um bom negócio para aqueles que desejavam dar visibilidade a seu nome, ao seu evento, ao seu elo familiar.

A ironia de Barreto ao dizer que os jornais deveriam se transformar em registro de nomes próprios, para serem lógicos com eles mesmos, revela a fascinação que a imprensa, de um modo geral, tinha por essa prática. Esse fascínio pode ser explicado pelo retorno que os jornais tinham, com o aumento das vendas e o poder de alcance para mediar a vida social de determinados ciclos de convivência, pois havia muitos leitores que compravam o jornal apenas para ver seu nome impresso na sessão, ou mesmo para saber quais nomes estavam impressos e por que estavam. Aniversário de Cicrano, festa de casamento de Beltrano, nasceu filho de Fulano... essas e outras são as notas que circulavam na sessão, algumas acompanhadas de breves comentários.¹⁰⁸ Esta função Barreto considerava desnecessária e, por isso mesmo, prejudicial à imprensa.

Sobre essas questões que Lima Barreto menosprezava e considerava inútil à imprensa, Olavo Bilac parecia pensar diferente, pois, nas ocasiões em que criticou o jornalismo via crônica, não foram essas suas preocupações. O que Barreto denominou “bobagem”, “pura perda” e “desperdício”, para Bilac, sendo “bobagem” ou não, tratava-se de espaços importantes para a característica de variedade que o jornalismo assumia e que garantiam o sucesso do negócio. O intolerável a Barreto era aceitável a Bilac.

Mas em outros aspectos os dois cronistas, que liam o jornalismo a partir do ofício que exerciam, arquitetaram opiniões com algumas semelhanças. Ambos, por exemplo, desaprovavam a postura da imprensa diante das notícias de criminalidade. No início do século XX, as reportagens policiais tinham espaço privilegiado nos jornais e este espaço era preenchido com longos textos e imagens. Os repórteres, fotógrafos e

¹⁰⁸ Idem.

desenhistas trabalhavam juntos para polemizar a respeito dos fatos policiais, tornando-os ainda mais surpreendentes e curiosos. Segundo Olavo Bilac:

*Uma grande descoberta científica e humanitária são noticiadas em três linhas: mas a um assassinato covarde, a um crime imundo que só revela a bestialidade dos criminosos, a uma façanha de bandidos vulgares que matam para roubar, a imprensa dedica, em edições repetidas, artigos de dez colunas, em que a literatura sinistra dos noticiarios colabora com a fantasia horripilante dos desenhistas.*¹⁰⁹

Interessante notar que Bilac nos mostra que as reportagens policiais e sensacionalistas se consolidaram no momento em que os periódicos prezavam cada vez mais a informação em detrimento da opinião e que as notícias jornalísticas estavam cada vez mais curtas e objetivas. A imprensa, na opinião do cronista, fazia uma inversão de valores, valorizando muito mais a criminalidade que outros acontecimentos realmente importantes para a sociedade, e isto estava expresso nas notícias. Sobre o mesmo assunto Lima Barreto destaca que:

*Os jornais enchem páginas e páginas sobre coisas de almofadinhas e transparentes, mas repelem tudo o que interessa os destinos da nacionalidade. Um crime vale mais do que um apelo à Nação para que se unam em prol da sua grandeza. Não é o criminoso que ganha com o crime; são os jornais. Os delinquentes se fizeram assim, para uso e gozo das folhas volantes.*¹¹⁰

Bilac identificava a inversão de valores apenas nas reportagens policiais, já Lima Barreto estendia sua lista a outras sessões, mas os dois concordavam que os exagerados artigos policiais configuravam um problema para o jornalismo. Pequenos crimes assumiam uma proporção enorme em função da forma como eram narrados pelos repórteres. Descritos, desenhados e fotografados, os infratores ganhavam notoriedade na sociedade como grandes criminosos, aguçando o imaginário das pessoas nas ruas cariocas, que passavam a conviver mais intensamente com a criminalidade, que aumentava, acompanhando o crescimento demográfico da cidade. Ambos os cronistas relatam que o crime havia se tornado algo lucrativo aos jornais, por isso assumia posição de destaque, solapando outros aspectos da sociedade e outras funções da

¹⁰⁹ BILAC, Olavo. Crônica. In. *Correio Paulistano*, São Paulo, 01/12/1907. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

¹¹⁰ BARRETO, Lima. Crônica. *Careta*. Rio de Janeiro, 25/10/1919. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

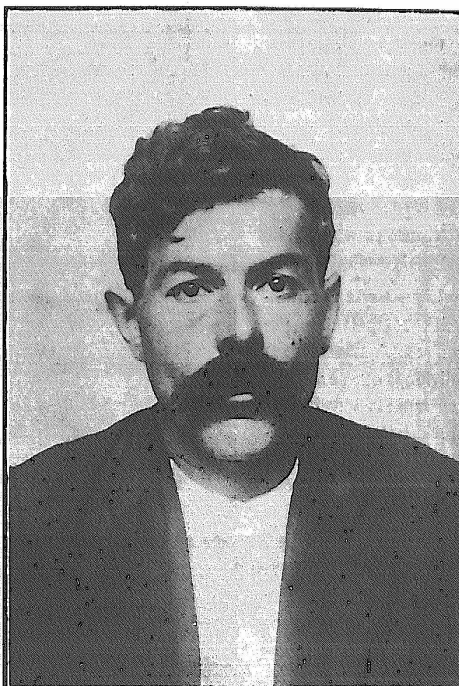
imprensa. Barreto dizia (...) *nossos jornais dão muita importância aos fatos policiais. Dias há que parece uma morgue, tal é o número de fotografias de cadáveres que estampam; Não são bem Gazetas dos Tribunais, mas já são um pouco Gazeta do Crime e muito Gazetas Policiais.*¹¹¹ A muita importância que os jornais davam aos fatos policiais, à qual Barreto se refere, foi testificada e, mais que isso, experimentada por ele. Inúmeras vezes os diários, diante de um novo crime, deixavam a sua crônica de fora por falta de espaço à espera de um lugar no número seguinte.¹¹²

¹¹¹ BARRETO, Lima. Crônica. *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro. 18/10/1911. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

¹¹² BARRETO, Lima.; SANTOS, Antônio Noronha (org.). *Correspondência: ativa e passiva* (1º tomo). São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 162.



Dr. Leopoldo de Lima e Silva que acompanhou o Barão de Werther á Gavea



O jardineiro Abílio Antonio Figueiredo



O cadáver de Antonio dos Santos (vulgo Gasolina) onde foi encontrado

Uma loucura da guerra

ALBERTINA. — Que pena não haver na guerra actual batalhões de amazonas.

DEOLINDA. — Ora essa! Que idéa! Terias coragem de te alistar?

ALBERTINA. — Pudera não! Havia de ser um encanto aprisionarmos um par de bonitos tenentes.

Conselho de uma mãe á sua filha :

— Lembre-se, minha filha, que eu quero que você seja uma menina de bem, que nunca minta sem necessidade.

— OO —

A vontade energica é uma esperança meio realizada. — CAMILLO CASTELLO BRANCO.

O tratamento que os periódicos davam aos casos de criminalidade, no início do século XX, é evidenciado por Sidney Chalhoub ao abordar um episódio ocorrido no Rio de Janeiro, que começou com a discussão entre os estivadores Antônio Paschoal e Zé Galego, concluindo-se com a morte do último e a prisão do primeiro. De acordo com o autor, os principais jornais do Rio de Janeiro relataram, cada um a seu modo, uma versão do acontecido; em especial, o jornal *Correio da Manhã*, com uma versão sensacionalista, mais próxima dos parâmetros da imprensa na época, e o *Jornal do Commercio*, com uma versão mais “sóbria” e “econômica” do fato. Nesse caso específico, a versão do *Correio da Manhã* trazia mais detalhes que os depoimentos do processo criminal movido contra o estivador acusado como responsável pela morte de Zé Galego. Os noticiários, em suas descrições, misto de investigação e imaginação, forjavam imagens de vilão ou herói, honesto ou golpista, trabalhador destemido ou violento inescrupuloso aos envolvidos em fatos desse gênero, provocando a empatia ou antipatia dos leitores em relação aos personagens construídos, que poderiam ter a imagem atribuída transformada à medida que o caso fosse solucionado. Utilizando como referência a obra *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, em que Lima Barreto ironiza a exigência que os diretores faziam aos redatores para que inventassem informações e indícios¹¹³, Sidney Chalhoub afirma que:

*Os jornalistas se empenhavam em inventar detalhes extravagantes que enfeitassem a notícia, causando sensação ao público e assegurando a venda de muitos exemplares do jornal. O sensacionalismo começava já na cabeça – isto é, nas considerações que precedem uma notícia – e se caracteriza por um filosofar de caráter moralizador. Dessa forma, não é de admirar que a morte de Zé Galego tenha ocupado duas colunas de página inteira no dito periódico(...)*¹¹⁴

Olavo Bilac, em uma de suas crônicas, confirmava este gosto da imprensa pelos crimes, porém apontava que isto não era próprio do início do século XX, pois, desde meados do século XIX, já havia tal interesse.

Já em 1850, o grave e acaciano Ernest protestava contra essa perniciosa publicidade “que familiariza o povo com os atos de banditismo e crueldade”. E, naquele tempo os jornais tinham tiragens

¹¹³ BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías caminha*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d. p. 201.

¹¹⁴ CHALHUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no rio de Janeiro da belle époque*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. p. 27-28.

*reduzidas; e ainda o atraso dos processos de gravuras não permitia ilustrar abundantemente a crônica criminal; e as crianças, ocupadas com a peteca e os soldadinhos de chumbo, não era freguesas das folhas diárias. Hoje, há as Marinoni; há a fototipia; e as folhas diárias são assinadas, compradas e lidas pelas crianças, porque todas elas, ou quase todas, ao lado dos artigos ilustrados em que exploram todos os escândalos de homicídio, roubo e devassidão, mantêm cessões atraentes, destinadas a infância: tudo vem no mesmo retângulo de papel, e os pequeninos leitores passam naturalmente da leitura dos contos ingênuos e das historietas jocosas à leitura das epopéias da patifaria... é uma escola... é a escola do horror!*¹¹⁵

Nesse fragmento da crônica, podemos notar que os artigos policiais escandalosos eram anteriores à transformação da imprensa, mas se consolidaram com sua modernização. Além disso, notamos ainda as distinções que Bilac descreve da imprensa do século XIX em relação ao início do XX. O jornalismo moderno, ou em vias de modernização, contava com os avanços tecnológicos, maior tiragem, mais leitores, menor preço e maior destaque na vida social. Nesse sentido, podemos entender também que a noção de variedade, presente nas folhas diárias, é também identificada como uma marca da modernização dos jornais, ligada diretamente às mudanças no campo tecnológico e no espaço urbano. Havia seções de entretenimento, absolutamente diversas, dividindo espaço no mesmo periódico, unidas pelo objetivo em comum de alcançar o maior número de leitores possível. Bilac, ao fazer essa relação entre os jornais de 1850 e os jornais do século XX, acreditava que, mesmo diante de todas as mudanças na cidade e no jornalismo, as pessoas continuavam as mesmas, com os antigos preceitos de outrora.

Olavo Bilac, ao diagnosticar esse aspecto dos jornais, tinha como modelo o jornalismo estrangeiro:

*Não há jornal de Paris, de Londres, de Berlim, de Roma, que faça o que fazem os jornais daqui, nesse particular. Porque diabo de razão há de a gente imitar o que os jornais estrangeiros têm de mau, e não há de aprender o que eles têm de bom? Lá fora, os jornais não dão, senão excepcionalmente, notícias de estupros, e raptos, de dramas passionais, de adultérios; e quando não querem privar o público do seu acepipe predileto, indicam o nome dos comprometidos por meio de simples, sóbrias, discretas e serenas iniciais...*¹¹⁶

¹¹⁵ BILAC, Olavo. Crônica. In. *Correio Paulistano*, São Paulo, 01/12/1907. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

¹¹⁶ BILAC, Olavo. Crônica. In. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 28/12/1900. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Para Bilac, os jornais brasileiros deveriam seguir o exemplo dos jornais estrangeiros, que, em sua opinião, revelavam o avanço que os jornais do Brasil deveriam buscar. No entanto, apontava que o jornalismo brasileiro precisava apenas de alguns ajustes, não acreditava se tratar de graves problemas, pois mesmo os jornais-modelo possuíam defeitos.¹¹⁷ Nesse caso, a melhor saída seria dar o devido merecimento às notas policiais, sem exageros e fantasias.

Leitor e colecionador de periódicos, Lima Barreto, mesmo sem nunca ter feito viagem internacional, conhecia os jornais estrangeiros e também se baseava neles para analisar os jornais que circulavam no Rio de Janeiro. O cronista afirmava que os jornais *desprezam tudo o mais que forma a base da grande imprensa estrangeira. Não há as informações internacionais, não há os furos sensacionais na política, nas letras e na administração. A colaboração é uma miséria.*¹¹⁸ Para Barreto, tais questões seriam o que o jornalismo tem de melhor e, por isso, deveriam ser mais exploradas pela imprensa carioca, alterando assim a sua base de sustentação, fugindo dos escândalos policiais e notícias sensacionalistas para se espelhar naquela composta principalmente pelas novidades políticas e literárias.

De fato, o jornalismo, especialmente a grande imprensa, assumia essa característica de variedade. Lima Barreto não admitia que, mesmo repletos de gêneros diversos, os jornais tivessem certa escassez de conteúdo edificante, negligenciando o que ele acreditava ser a real função das folhas diárias. Olavo Bilac lamentava o grande espaço reservado aos conteúdos sensacionalistas em relação ao espaço em que se escreviam conteúdos mais significantes para a humanidade. Semelhanças e diferenças à parte, tanto Bilac como Barreto defendiam que o jornalismo deveria investir mais em literatura, e que, diante da variedade, a literatura deveria assumir maior peso.

Lima Barreto dizia:

*Seria tolice exigir que os jornais fossem revistas literárias, mas isso de jornal sem folhetins, sem crônicas, sem artigos, sem comentários, sem informações, sem curiosidades, não se compreende absolutamente. São tão baldos de informações que, por eles, nenhum de nós tem a mais ligeira notícia da vida dos estados. Coisas da própria vida da cidade não são tratadas convenientemente.*¹¹⁹

¹¹⁷ Idem.

¹¹⁸ BARRETO, Lima. Crônica. In. *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro, 18/10/1911. Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional

¹¹⁹ Idem.

Não podemos negar que a publicidade, a inovação tecnológica e a própria dinâmica da sociedade reduziu o espaço dedicado à literatura na imprensa. Sonetos, contos, folhetins aos poucos desapareciam dos jornais e revistas, enquanto a crônica tinha espaço cada vez mais reduzido. Todavia, a perda de espaço não representava falta de credibilidade ou mesmo inexpressividade da crônica; pelo contrário, apesar de ter o espaço reduzido, ela era uma das principais atrações dos periódicos. A importância da crônica era crescente. Largamente utilizada pelos intelectuais da época, praticamente todos os jornais e revistas publicavam crônicas em todos os números, ao contrário dos outros gêneros da literatura, que eram publicados esporadicamente.¹²⁰

Observando as crônicas de Olavo Bilac, notamos que aquelas escritas e publicadas no século XIX eram bem maiores do que as do século XX, nos levando a crer que, enquanto a imprensa se modernizava, as crônicas encurtavam e se consolidavam como gênero ideal para a nova realidade.¹²¹ Mesmo com espaço limitado, ela era o gênero que mais visibilidade dava aos homens de letras. Já as crônicas de Lima Barreto tinham uma peculiaridade, aquelas publicadas em grandes jornais-indústrias, como *Fon-Fon*, *Careta*, *Correio da Manhã* eram ainda mais curtas que as de Olavo Bilac. Porém as que foram publicadas nos pequenos jornais como *Voz do Trabalhador*, *Correio da Noite*, *Gazeta da Tarde*, *A.B.C.*, *O Debate*¹²² eram grandes, algumas chegavam a ocupar mais de uma página.¹²³

1.5 NAS VITRINES DA IMPRENSA

As crônicas bilaquianas apareciam como atração nos jornais, em todos os

¹²⁰ CANDIDO, Antonio. Et. Al. *A crônica: gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas – SP: Ed. Unicamp/ Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

¹²¹ BILAC, Olavo. Crônicas. In. DIMAS, Antonio (org.). *Bilac, o jornalista: crônicas: volume 1*. São Paulo: Ed. Edusp, Unicamp, Imprensa Oficial, 2006.; BILAC, Olavo. Crônicas. DIMAS, Antonio (org.). *Bilac, o jornalista: crônicas: volume 2*. São Paulo: Edusp, Unicamp, Imprensa Oficial. 2006.

¹²² *O Debate*. Rio de Janeiro, 02/09/1917. Periódico político dirigido por Astrojildo Pereira. RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda crônica: Volume I*. Rio de Janeiro, Agir, 2004. p.54.

¹²³ BARRETO, lima. Crônicas (1890-1919). In. RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda crônica: Volume I*. Rio de Janeiro, Agir, 2004.; BARRETO, lima. Crônicas (1919-1922). In. RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda crônica: Volume II*. Rio de Janeiro, Agir, 2004.

periódicos que pesquisamos¹²⁴, elas ocupavam lugar de destaque na primeira página. Em alguns exemplares, dentre artigos, notícias e crônicas, apenas o nome de Olavo Bilac é apresentado no sumário.

HOJE — 6 PAGINAS

SUMMARIO

1° e 2° paginas:

Chronica: *Olavo Bilac.*
Festa do trabalho.
Descoberta de um subterraneo
no Morro do Castello.
Os suburbios.

3° e 4° paginas:

Chronica theatral.
Tribunaes: Moeda falsa—O jury.
Assalto num bond.
5° de abril.
Instituto Commercial.
Prefeitura.
Arte commercial.
Polhetins: *O morto que mata—A
Filha Natural.*

SUPPLEMENTO ILLUSTRADO

Ilustração 17 - *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 30/04/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional. (Sumário)

Suas colaborações eram anunciadas como um triunfo das folhas impressas, que se gabavam de ter tão ilustre nome em suas páginas. No lançamento do *Jornal da Exposição*, a imprensa o anunciava e descrevia seus atrativos e qualidades, dentre elas a figura de Olavo Bilac aparecia não como o diretor do veículo, mas como cronista. A *Gazeta de Notícias* trazia a seguinte nota: *o número de hontem é impresso em finíssimo*

¹²⁴ *Correio Paulistano* (10/09/1907 – 18/06/1908); *Gazeta de Notícias* (07/01/1900 – 25/10/1908); *Jornal da Exposição* (09/1908 – 11/1908); *Kosmos* (03/1904 – 05/1908). Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

*papel setim e tem em sua primeira página o retrato do Dr Affondo Penna. Bom trecho, muitas indicações preciosas para os visitantes do grande certamen, uma pequena chronica de Bilac e outras coisas. Contemplem o Jornal da exposição*¹²⁵.

O nome de Bilac estava sempre associado a outros grandes nomes do jornalismo e da literatura, como Medeiros e Albuquerque, José Veríssimo, João do Rio, Arthur Azevedo, Coelho Neto, entre outros. Alguns desses também colaboraram nos mesmos periódicos que Bilac. Até entre os notáveis ele se destacava. No livro *Momento Literário*, João do Rio definiu a notoriedade de Bilac e a fama de suas crônicas, entendendo-as como garantia de boa venda aos jornais:

*Todos o conhecem e todos o respeitam. Os editores vendem anualmente quatro mil exemplares de seu livro de versos, realizando o que até então era o impossível. Onde vá, o louvor acompanha-o. A cidade ama-o. (...) Há homens que guardam em cofres tudo quanto tem escrito de esparso na sua múltipla colaboração jornalística e não há um dia em que pelo menos não receba dos confins da província ou dos bairros aristocráticos meia dúzia de cartas chamando-o de admirável. (...) Quando escreve, os jornais aumentam a tiragem com as suas crônicas, e o seu estilo impecável aureola de simpatia todos os assuntos; quando fala suas palavras admiráveis, talhadas como em mármore e diamante, lembram os jardins de Academos e as prosas sábias do cais de Alexandre.*¹²⁶

Quanto a Lima Barreto, este não tinha a mesma notoriedade e, muito menos, era citado como um dos renomados escritores no início do século. Suas crônicas não ocupavam lugar de destaque nos periódicos em que colaborava. Nos periódicos de maior tiragem, elas tinham espaço limitado pelas outras sessões, quase sempre priorizadas em detrimento das crônicas, que ficavam à espera de um canto de página disponível para serem publicadas. Nos pequenos jornais, os mais distantes das vias de consagração, elas tinham um pouco mais de evidência, mas nada comparado à fama dos mandarins das letras, como ele mesmo costumava denominar os grandes escritores. O nome e as crônicas de Lima Barreto circulavam discretamente, com pouca visibilidade pela imprensa carioca. É importante ressaltar que, em alguns exemplares, suas crônicas foram publicadas na primeira página, todavia, o motivo de tais publicações era mais em razão da importância do tema sobre o qual escreveu, do que propriamente por sua notoriedade.

¹²⁵ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 05/09/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

¹²⁶ RIO, João do. *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Editora Criar, 2006.

Em 1907, o cronista enviou uma carta a Mario Pederneiras para justificar sua saída da revista *Fon-Fon*. Mario Pederneiras, cronista, poeta e um dos fundadores da revista, foi quem levou Lima Barreto para lá. Ao justificar seu afastamento a Pederneiras, Barreto demonstrou como era tratado e a sua incompatibilidade com os grandes periódicos. Segundo Barreto, enquanto outros escritores publicavam sem impedimentos, suas crônicas não agradavam e ficavam sempre à espera. Em sua opinião, ele apenas teria ficado três meses colaborando na revista graças à bondade de Pederneiras, que o mantinha lá, já que os proprietários das revistas, como a *Kosmos*, não apreciavam seu talento como escritor. Por isso, ele afirmava aos que não o consideravam um grande escritor: *eu o sou, segundo eu mesmo*.¹²⁷

Lima Barreto já fazia distinção entre pequena e grande imprensa, questionando o poder da grande imprensa em detrimento da outra. Acusava a sociedade de conceder importância apenas às idéias e pensamentos dos grandes jornais, como se a imprensa fosse constituída unicamente por eles. O cronista estendia a crítica aos jornais que só exprimiam os pensamentos dos grandes escritores, dando a impressão de que apenas eles tinham algo a dizer. Barreto indagava: *então só os doutores ou quase-doutores, ou naturalizado doutores têm pensamento e podem exprimi-lo nos jornais? Então só os jornais de grande tiragem são imprensa?*¹²⁸ Sua indagação se justificava, pois quando jornais operários, apontados como anarquistas, eram ameaçados, ou mesmo impedidos de circularem, devido às suas opiniões que contrariavam o governo, os jornais ficavam omissos. Quando acontecia o mesmo com algum periódico de grande circulação, ou mesmo de pequena circulação, mas de propriedade de algum nome ilustre, a imprensa logo protestava contra a disseminação da censura. O cronista sentia essa acepção, pois grande parte de sua vida no jornalismo foi na pequena imprensa e em jornais operários, onde normalmente trabalhavam, de forma regular, nefelibatas e demais intelectuais deslocados das vias de consagração dominantes; figuras como: Heitor Malagutti, Gustavo Santiago, Pausílpo da Fonseca, Alcides Maia,¹²⁹ L. Senior, Gypsi Lapi,¹³⁰ Benedicto de Souza, Gil Vaz, J. Albino Cabral, Catulle Mendes e Marcos Guedes¹³¹.

¹²⁷ BARRETO, Lima. Correspondência. BARBOSA, Francisco de Assis (org.). *Lima Barreto: Obras Completas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. p. 162

¹²⁸ BARRETO, Lima. O caso da A Folha. In. RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda crônica*: Volume II. Rio de Janeiro, Agir, 2004. p. 120.

¹²⁹ BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Belo horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p. 130-131.

¹³⁰ *Almanak do Tagarela*. Rio de Janeiro. 07/1903. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

¹³¹ *Revista Floreal*. Rio de Janeiro. 1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Essa orientação jornalística, de acordo com Sergio Micelli, crescia paralelamente às revistas ilustradas, veículo predileto dos consagrados homens de letras.¹³²

Com ou sem notoriedade, na pequena ou na grande imprensa, a crônica era o gênero jornalístico no qual os cronistas melhor transitavam, pois sabiam do poder de ação que ela tinha e que, mesmo diante das mudanças que sofrera do século XIX até as primeiras décadas do XX, ainda era uma atração capaz de orientar a opinião da pequena população alfabetizada da época. Era o gênero literário que atingia o maior público leitor na então Capital da República, tanto pelo estilo, como pelo suporte de circulação.¹³³ Sendo assim, podemos afirmar que a crônica era um meio importante pelo qual os cronistas opinavam, apoiavam, criticavam, elogiavam, analisavam e participavam dos assuntos da cidade do Rio de Janeiro. As crenças dos intelectuais se destacavam nas páginas dos jornais em forma de crônicas, formando-se um elo entre a agilidade exigida pela imprensa e pela cidade e a linguagem, a temática e o estilo da crônica.

Mesmo diante do poder de alcance da crônica na sociedade, o analfabetismo era uma preocupação; Olavo Bilac, por exemplo, cria que o analfabetismo era o maior mal da humanidade. Ele chegou a escrever várias crônicas em prol de mobilizar o governo para a implementação de medidas contra o analfabetismo no Rio de Janeiro, em uma delas ele diz:

*No Rio de Janeiro, a grande massa dos trabalhadores braçais é composta de homens que não sabem ler: se toda essa gente estivesse iniciada nos mistérios da letra de fôrma, os jornais teriam uma clientela vastíssima. Em dez anos, conseguimos aqui remediar, até certo ponto, o analfabetismo infantil. (...) Mas, contra o analfabetismo dos adultos, o governo é quase impotente. Dos carregadores ou homens do ganho, que se postam em todas as esquinas das nossas ruas à espera de carretos, raros, raríssimos são os que sabem ler... É um problema terrível, que só o tempo há de resolver.*¹³⁴

A erradicação do analfabetismo era uma de suas bandeiras, chegou até a escrever e organizar livros didáticos com esse fim, fazendo deles também mais um instrumento de ação. Outra vez o cronista reclama: *Era natural que decrescesse a lista dos*

¹³² MICELLI, Sergio. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977. p. 75.

¹³³ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In. LUCA, Tânia Regina de.; MARTINS, Ana Luiza (organizadoras). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p.97.

¹³⁴ BILAC, Olavo. Jornais sem leitores. In. *Correio paulistano*. São Paulo 14/12/1907. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

*analfabetos à medida que a população aumentasse em número e civilização. Pois dá-se o contrário. Há hoje mais um milhão de analfabetos que em 1890! E digam depois que não é preciso criar escolas e difundir a instrução.*¹³⁵ Diante disso, surge-nos a seguinte pergunta: se o analfabetismo era tão grande como indica Bilac, de que forma o jornalismo, em especial a crônica, provocava tanto efeito em uma sociedade predominantemente iletrada?

Havia um seletivo grupo de letrados que imprimia direção às questões políticas e sociais da sociedade, eles se dirigiam ao ínfimo público de alfabetizados que correspondia ao universo dos habitantes que efetivamente exerciam poder de decisão na cidade carioca. Como o próprio cronista Olavo Bilac afirmava: *o povo não é povo enquanto não sabe ler.*¹³⁶ Talvez resida nisso a insatisfação de Barreto: a grande imprensa considerava que as coisas de interesse público se restringiam aos alfabetizados da época, que, de acordo com Jeffrey Needell, eram majoritariamente pertencentes à alta sociedade¹³⁷.

1.6 JORNALISMO E LITERATURA: BARRETO E BILAC ENTRE A ARTE E O OFÍCIO

O período do final do século XIX aos anos 1920, protagonizado por uma leva de letrados que atuaram durante a república velha, é caracterizado pelo desaparecimento gradual da famosa geração de 1870, ou seja, os introdutores do realismo, naturalismo, parnasianismo, e pelo florescimento do movimento modernista de 1922.¹³⁸ Esse período, considerado comumente por alguns como intermediário (pós-romantismo ou pré-modernismo), é o mais relevante para se entender a profissionalização do trabalho intelectual. Barreto e Bilac são dois escritores interessantes para perseguir essa discussão, pois ambos atuaram ativamente nesse contexto, Olavo Bilac como uma

¹³⁵ BILAC, Olavo.; RIO, João do (org.). *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Editora Criar, 2006. p. 19.

¹³⁶ Idem.

¹³⁷ NEEDELL, Jeffrey d. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 74-75; 280.

¹³⁸ MICELLI, Sergio. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977. p. 12.

figura mais próxima da geração de 1870¹³⁹ e Barreto mais próximo aos modernistas, ou pelo menos mais adjacente da linguagem estética emplacada como dominante pela vitória política do movimento modernista. Ambos tiveram a maior parte de suas produções nesse *intermezzo*, Bilac como um dos detentores da autoridade intelectual e Barreto como um subalterno da literatura, que apenas foi reconhecido postumamente, embora tenha, pelo jornalismo, minimizado sua marginalização social.¹⁴⁰

Lima Barreto e Olavo Bilac exemplificam a complexidade do processo de profissionalização do intelectual de letras a partir dos impressos, no eufórico período de que estamos tratando. O jornalismo foi uma instituição legitimadora do fazer literário, um meio capaz de tornar alguém um representante literário e intelectual da sociedade. No entanto, o jornalismo no início do século XX cumpria a função de dar visibilidade ao escritor, mas ao mesmo tempo o desvalorizava, pois nele o texto era algo encomendado, uma escrita paga e apressada feita na urgência característica da imprensa: uma escrita ágil e efêmera que contrastava com os padrões estéticos da literatura no momento, predominantemente parnasiana e amante da destreza verbal. O que era considerado superior, intelectual e literariamente, opunha-se às simplificações da crônica, especialmente porque a produção de um cronista quase sempre é feita para cumprir uma exigência, uma demanda, é o resultado de uma encomenda feita pelo jornal ou pelas instâncias dominantes ligadas a ele, principalmente, aquelas produzidas para os periódicos de maior destaque e aceitação na sociedade.

Ao observar os periódicos e os intelectuais das letras naquele período, percebemos que havia uma relação de troca entre eles. Na imprensa, os intelectuais tinham a possibilidade de divulgar suas idéias, tornarem-se conhecidos do público, ganhando prestígio social, aumentando também a aceitação de sua produção fora do jornalismo. Em contrapartida, beneficiavam a imprensa com textos atraentes que repercutiam em vendas. Nessa relação, ambos os lados beneficiavam-se.¹⁴¹ O encontro entre literatura e imprensa transformou o escritor em profissional, ou em escritor-jornalista.¹⁴² Não é fácil encontrar algum escritor entre 1890 a 1920 que tenha vivido apenas da literatura, os literatos sempre se dedicavam a outra atividade, seja ela

¹³⁹ DIMAS, Antonio. *Bilac, o jornalista: ensaios*. São Paulo: Edusp / Unicamp / Imprensa Oficial do estado de São Paulo. p. 30.

¹⁴⁰ MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto: um pensador social na segunda república*. Goiânia: Ed. Da UFG; São Paulo: Edusp, 2002. p. 69-70.

¹⁴¹ COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 24-25

¹⁴² Idem.

intelectual ou não; normalmente ligavam-se também à política, à educação ou à administração pública. Viver da pena só foi possível, ou começava a se tornar, na produção literária feita para imprensa e não fora dela. De acordo com Sergio Micelli:

*O que fora para alguns escritores românticos (por exemplo, Alencar e Macedo) uma atividade e uma prática “tolerada”, tornando-se depois para certos elementos da geração de 1870 (por exemplo, Machado de Assis) uma atividade regular que lhes propiciava uma renda suplementar cada vez mais indispensável, torna-se a atividade central do grupo dos “anatolianos”*¹⁴³

O termo *anatolianos*, utilizado por Micelli, serve para identificar os polígrafos profissionais, aqueles que viviam dos ganhos retirados da sua produção e que se envolviam com as novas atividades abertas aos homens de letras. O termo foi inspirado em Anatole France, um escritor francês em quem os escritores se inspiravam. Ele representava o modelo intelectual ao qual se referiam de modo mais insistente, os cronistas brasileiros desejavam estar sintonizados com a sua perspectiva literária. Anatole France visitou o Rio de Janeiro em 1909 e, na ocasião, foi recepcionado por uma comissão da Academia Brasileira de Letras. A visita do renomado escritor foi comentada, sem muito entusiasmo, por Lima Barreto em uma de suas cartas enviadas a Antônio Noronha Santos, jornalista e seu amigo de infância.¹⁴⁴

Para se ter uma idéia, na primeira década do século XX, Bilac recebia salário mensal pelas crônicas que publicava na *Gazeta de Notícias*. Em outros periódicos, recebia bom preço pelas colaborações. Bilac ganhou dinheiro vendendo seu talento a outras áreas: trabalhou no serviço público, escreveu livros didáticos, versos-reclame, legenda para fitas de cinema, participou de campanhas como a do Serviço Militar Obrigatório, entre outros. Mas foi o jornalismo a principal fonte de renda durante a vida do escritor, era essa a única área de maior estabilidade e possibilidade real para fazer carreira. Foi o jornalismo também que abriu as portas para algumas dessas outras possibilidades de profissionalização aos escritores da época.¹⁴⁵ Neste período, o jornalismo não é apenas uma atividade secundária ou complementar, ela tornou-se, para

¹⁴³ MICELLI, Sergio. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977. p. 72.

¹⁴⁴ BARRETO, Lima. *Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. Rio de Janeiro: Graphia Editora, 1993. p. 216

¹⁴⁵ Sobre isso ver: DIMAS, Antonio. *Vossa Insolência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 23-27; SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 74.

a maioria dos escritores, atividade principal, especialmente pelo prestígio que esse espaço poderia proporcionar.

Lima Barreto também recebeu pelos trabalhos que realizou para imprensa, embora com um diferencial: buscava mais os benefícios simbólicos que o jornal poderia lhe proporcionar do que benefícios financeiros. No início de sua carreira, não fazia sequer questão de receber, queria apenas ser publicado, pois sabia que esse era o caminho para realizar seu sonho de se tornar um escritor renomado. No entanto, sempre que precisava de dinheiro para completar seu orçamento, recorria aos periódicos, onde alcançou modesta popularidade. Em razão dos seus polêmicos romances, colaborou eventualmente em jornais e revistas conhecidos, como *O País* e *A Notícia*, recebendo boa quantia pelas crônicas e artigos. A partir de 1915, tornou-se redator efetivo da revista *Careta*, com salário mensal fixo. Contudo, sua atuação no jornalismo se deu principal e majoritariamente na pequena imprensa, na qual colaborou do começo ao fim de sua trajetória como escritor, pois em jornais como *O Debate*, *ABC*, *A Voz do Trabalhador*, *Lanterna*, *Floreal*, entre outros, ele poderia, apesar da modesta remuneração, escrever com mais autonomia e liberdade, expressando suas concepções sem maiores transtornos.¹⁴⁶ Para Barreto a prioridade não era ganhar dinheiro com o trabalho literário, mas orientar, doutrinar e defender o interesse público. Seus interesses pessoais não se ligavam necessariamente em alugar a pena, mas sim em obter reconhecimento nacional como escritor.¹⁴⁷ Como afirma Maria Cristina Machado, Lima Barreto fez da literatura o objetivo máximo de sua vida, vendo-a como possibilidade de reconhecimento social.¹⁴⁸ O cronista não perdia oportunidade de reivindicar o título de literato e defender seu interesse com a literatura, *por mais que não queiram, eu também sou literato e o que toca as coisas de letras não me é indiferente*¹⁴⁹. Por isso se via no direito de criticar o literato

(...) que só se preocupou com o estilo, com o vocabulário, com a paisagem, mas que não fez do seu instrumento artístico um veículo de difusão das grandes idéias do tempo, em quem não repercutiram as

¹⁴⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. *Historia da imprensa no Brasil*. 4ªed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 335-336

¹⁴⁷ BARRETO, Lima. Essa minha letra. In. *Gazeta da Tarde*. 28/06/1911. Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁴⁸ MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto: um pensador social na segunda república*. Goiânia: Ed. Da UFG; São Paulo: Edusp, 2002. p. 71.

¹⁴⁹ BARRETO, Lima. Literatura e Política. In. RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda crônica*: Volume I. Rio de Janeiro, Agir, 2004. p. 303.

*ânsias de infinita injustiça dos seus dias; em quem não encontrou eco nem revolta o clamor das vítimas da nossa brutalidade burguesa, feita de avidez de ganho, com a mais sinistra amoralidade para também edificar, por sua vez, uma utopia ou ajudar a solapar a construção social que já encontrou balançando. Em anos como os que estão correndo, de uma literatura militante, cheias de preocupações políticas, morais e sociais, a literatura (...) ficou sendo puramente contemplativa, estilizante, sem cogitações outras que não as da arte poética, consagrada no círculo dos grandes burgueses embotados pelo dinheiro.*¹⁵⁰

Não são apenas laços econômicos que ligavam produção literária e jornalismo, havia outros fatores não menos importantes que mediavam o encontro entre os dois campos, como o *status* social, o poder de alcance do jornal, o espaço para exposição de princípios e formação cultural, a ascensão social, etc. Tanto é que várias pessoas de diferentes classes sociais tinham a pretensão de trabalhar no meio jornalístico, principalmente aqueles interessados na carreira política. A autora Cristiane Costa faz menção a quatro comparações para ilustrar como a imprensa era capaz de proporcionar, além do lucro material, o lucro simbólico: jornal berçário, vitrine, pedestal e trampolim.¹⁵¹ Apesar da autora apenas citar essas comparações, gostaríamos de nos demorar um pouco mais nelas demonstrando como se aplicam nas experiências de Lima Barreto e Olavo Bilac.

A primeira é a imprensa como berçário, que representou o início da vida literária para muitos, o espaço em que eles eram acolhidos, davam seus primeiros passos e se preparavam para alçar vôos em outros territórios. Lima Barreto, em 1902, com 21 anos de idade, ainda na escola politécnica, iniciou no jornal *A Lanterna*, instrumento de luta da entidade estudantil, fundado por Julio Pompeu e Castro Albuquerque¹⁵². No ano seguinte, já atuava em periódicos fora do seio estudantil. Olavo Bilac, por sua vez, em 1883, cursando a faculdade de Medicina, iniciou sua carreira publicando textos curtos e poemas na *Gazeta Acadêmica*. Em 1885, a poucos dias de completar 20 anos, foi levado ao jornal *Diário de Notícias* por Artur Azevedo, pouco tempo depois abandonou de vez a carreira acadêmica para se dedicar inteiramente às letras.¹⁵³ Podemos afirmar, através desse ponto de vista, que Bilac iniciou sua carreira em berço de ouro, e Barreto, em uma estrebaria.

¹⁵⁰ Idem.

¹⁵¹ COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 24 - 25

¹⁵² *A Lanterna*. Rio de Janeiro. 21/05/1902. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁵³ DIMAS, Antonio. *Vossa Insolência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 23.

A condição que elevava as pessoas a ocuparem novas posições não dependia de títulos e diplomas, Olavo Bilac e muitos outros escritores renomados não os tinham. Era necessário, além do talento, conseguir mobilizar um bom capital de relações sociais. Como afirma Micelli, a trajetória profissional de qualquer homem de letras dependia, em grande parte, dos apoios oligárquicos que eles conseguiam mobilizar. Isso ajuda a explicar a dificuldade de Lima Barreto em emplacar na vida literária. Nascido em família pobre, filho de um tipógrafo que enlouqueceu quando Barreto tinha 19 anos, só conseguiu obter estudo de qualidade porque tinha um padrinho ministro¹⁵⁴, que patrocinava seus estudos e lhe oferecia oportunidades; contudo, perdeu a proteção do padrinho antes de conseguir o diploma.¹⁵⁵ Já Bilac, filho de médico, sempre conviveu com os privilégios da alta sociedade.¹⁵⁶

Essa questão não anula, mas minimiza o fato da questão racial como fator que colocou Barreto na posição de excluído da alta roda literária. Em nossa opinião, esse é o mais insignificante dos fatores, pelo fato de outros escritores mulatos terem alcançado *status* de ilustres literários. Lima Barreto tinha aversão a depender de favores e negava se sujeitar às exigências que os novos escritores se sujeitavam diante dos medalhões da literatura. Ele dizia *Ora, convenhamos que é aborrecido isso de estar a pedir empenhos para tudo. É de desesperar. (...) me repugna usar os famosos pistolões.*¹⁵⁷ Ele chegou a defender a idéia de que pessoas como ele, *obscuro de nascimento e baldo de relações de prestígio no jornal*¹⁵⁸, dificilmente conquistariam *status* e editoras interessadas em sua produção.

A segunda comparação é o jornalismo vitrine, o jornalismo que apresentava os escritores à comunidade literária e para a população alfabetizada, ou seja, seus leitores em potencial. É por essa característica de vitrine que os literatos conseguiam publicar e ter público para suas primeiras obras. A melhor forma de se tornar público como literato era publicando sonetos, crônicas, folhetins e contos na imprensa. O poeta Gustavo Santiago confirma essa afirmativa ao dizer que *o jornalismo é um belo fator de engrandecimento social e sobretudo um magnífico meio de reclame... para nossas*

¹⁵⁴ Afonso Celso – visconde de ouro preto, foi também ministro da fazenda.

¹⁵⁵ MICELLI, Sergio. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977. p. 38,39.

¹⁵⁶ DIMAS, Antonio. *Vossa Insolência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 23.

¹⁵⁷ BARRETO, Lima. Crônica. *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro, 7/08/1911. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁵⁸ Idem.

obras.¹⁵⁹ Lima Barreto publicou seus primeiros romances na imprensa antes de publicá-los em livro, começou a publicar *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* na revista *Floreal*, publicou *Triste Fim de Policarpo Quaresma* no *Jornal do Comércio*, publicou também em forma de folhetim *Numa e a Ninfa* no jornal *A Noite*.¹⁶⁰ Olavo Bilac, que já havia conquistado *status* através de sua trajetória jornalística e lutas políticas, em paralelo com a atividade no jornal, publicou poesias com repercussão imediata.¹⁶¹ No início do século XX, literatura e jornalismo se misturaram e se confundiram de tal forma que a visibilidade de um literato dependia muito do veículo de comunicação em que o mesmo atuava. Barreto fazia críticas às editoras pelo fato de elas valorizarem mais a representatividade do autor do que o valor da obra.¹⁶²

A terceira é o jornalismo pedestal. Esta comparação tem um duplo sentido: o primeiro é o sentido de ser o suporte dos literatos, que lhes dava as condições de sobrevivência. A publicação de livros não era tarefa fácil, ainda assim o público dos livros literários era escasso, como mostra Bilac: *As edições de livros e folhetos que se publicam não saem das tipografias: o autor manda brochar cem ou duzentos exemplares, que dá aos amigos; e o resto da tiragem é dado em pasto às traças vorazes, quando não é vendido a peso, para embrulhar manteiga*.¹⁶³; em contrapartida, como vimos, os jornais e revistas frente às transformações, aumentaram as tiragens, popularizaram-se devido ao seu barateamento e à rapidez na distribuição. A imprensa era a principal fonte de renda dos homens de letras, Bilac confirma esse fato e Lima Barreto chegou mesmo a publicar um de seus romances, em livro, com recurso próprio, obtido através do jornalismo. Ele registrou em seu Diário:

O Policarpo Quaresma foi escrito em dois meses e pouco, depois publicado em folhetins no Jornal do Comércio da tarde, em 1911. Quem o publicou foi o José Felix Pacheco. Emendei-o como pude e nunca encontrei quem o quisesse editar em livro. Em fins de 1915, devido a circunstâncias e motivos obscuros, cismeï em publicá-lo. Tomeï dinheiro daqui e dali, inclusive com Santos, que me emprestou

¹⁵⁹ SANTIAGO, Gustavo.; RIO, João do (org.). *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Editora Criar, 2006. p. 200.

¹⁶⁰ RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda crônica*: Volume II. Rio de Janeiro, Agir, 2004. p. 590-595.

¹⁶¹ DIMAS, Antonio. Bilac, o jornalista: ensaios. São Paulo: Edusp / Unicamp / Imprensa Oficial do estado de São Paulo. p. 39.

¹⁶² BARRETO, Lima. O Garnier Morreu. In. *Gazeta da tarde*. Rio de Janeiro, 07/08/1911. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁶³ BILAC, Olavo. Crônica. In. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 05/01/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

O segundo sentido do jornalismo pedestal refere-se ao espaço que os apoiavam para colocar em evidência suas opiniões. O cotidiano em mutação, a crença e descrença em relação ao progresso, enfim, a cidade era o destaque nas páginas dos jornais, especialmente sob a forma de crônica. O Rio de Janeiro oferecia temas para se fazer crônicas e foi a partir delas que esses escritores registraram no papel impresso seus pensamentos, que ganharam evidência por estarem nos suportes jornal e revista. Olavo Bilac, por exemplo, era um crítico do “atraso” do Rio de Janeiro; almejava ver sua cidade transformada, para isso, além de atuar nas esferas políticas, fez circular esses seus interesses não apenas por conveniência, mas por comungar dos mesmos interesses ideológicos com a administração da cidade. Porque era renomado, sua opinião, expressa nas crônicas, tinha muito peso entre os leitores. Conforme elucida Jeffrey Needell, elas impunham respeito, obediência e adesão.¹⁶⁵ Não podemos nos esquecer que o jornalismo era o principal veículo de difusão coletiva, isso fazia Bilac crer que o trabalho literário fora da imprensa, naquele momento, não tinha tanta relevância, brincando com a idéia de que se não fosse o jornalismo, não compensaria ser escritor. De acordo com Olavo Bilac:

Nem tudo é desgosto e tempo perdido, nesse ofício de escrever todos os dias para o público. Desta mesma coluna da Gazeta (...) tem partido muita idéia modesta e boa, singelamente aventada, acolhida lá fora com generosidade e carinho, e desabotoada, ao calor do meigo coração do povo, em flores e frutos de raro viço. Também se não fossem essas pequeninas compensações, mais valeria quebrar a pena e ir cultivar hortaliças, porque, como bem diz com a sua fina ironia o sutil Anatole France, “il est infiniment plus sage de planter des choux que de faire des livres”¹⁶⁶

Lima Barreto tinha uma visão crítica da sociedade, atacava especialmente grupos específicos da elite política, econômica e literária¹⁶⁷, fez do jornalismo o meio de

¹⁶⁴ BARRETO, Lima. Diário Íntimo (03/1916). In. *Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993. p.126, 127.

¹⁶⁵ NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical : sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

¹⁶⁶ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 23/06/1901. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁶⁷ BARRETO, Lima. Carta aberta. In. RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda crônica: Volume I*. Rio de Janeiro, Agir, 2004. p. 412-418. Essa crônica, escrita ao jornal A.B.C., é um bom exemplo das críticas que Lima Barreto fez via crônica, nela o escritor criticava a violenta ação policial contra uma manifestação operária e as conseqüências posteriores ao fato, responsabilizando por

circulação das suas concepções, buscando adesão e sonhando com efeitos práticos na realidade. Seus romances também cumpriam essa tarefa de emitir opiniões, mas o poder de alcance da imprensa, mesmo nos pequenos periódicos, era incomparavelmente maior. O jornalismo pedestal nos remete para o caráter doutrinário da imprensa, que reservou para a crônica o posto de principal porta-voz das questões cotidianas da cidade. Como diria Medeiros e Albuquerque:

é um prazer superior pregar uma doutrina, sustentar uma opinião e vê-la seguir, difundir-se, infiltrar-se no espírito público, através de mil obstáculos, comovendo as multidões, abalando-as, dando-lhes um ideal e forçando-as a agirem de acordo com ele. (...) usar de palavras escritas para impressionar cérebros humanos, fazer brilhar inteligências e corações.¹⁶⁸

A quarta e última comparação é o jornalismo trampolim. Vários homens de letras buscavam o jornalismo como uma forma de alcançar outras posições, principalmente aqueles que almejavam iniciar uma carreira política. Segundo Sergio Miceli:

Embora a modalidade inicial de inserção nos quadros dirigentes seja a atividade jornalística e/ou um cargo público, a carreira dominante, para a qual convergem as esperanças dos escritores, continua sendo o ingresso nos quadros políticos que assumem a representação da oligarquia na Câmara e no Senado, ou então mais raramente, um mandado de ministro. Tal fato não impede, todavia, que inúmeros escritores, mormente aqueles que não dispõem dos trunfos sociais e políticos exigidos para a carreira política, tendam a transmutar o fracasso político em vocação irresistível para ser letrado, professor ou jornalista. De outro lado, a Câmara e o Senado, nas condições da divisão do trabalho de dominação da época ao invés de interromperem uma trajetória intelectual, constituíam instâncias importantes de produção ideológica no campo intelectual.¹⁶⁹

isso lideranças políticas e econômicas como Rodrigo Alvez, Zé Bezerra, Coronel Cazusa, etc. Barreto afirma: *Não são mais os militares que aspiram a ditadura ou a exercem. São os argentários de todos os matizes, banqueiros, especuladores da bolsa, fabricantes de tecidos, etc., que, pouco a pouco, a vão exercendo, coagindo, por esta ou aquela forma, os poderes públicos, a satisfazer todos os seus interesses, sem consultar o da população e os dos seus operários e empregados.* Continua Barreto criticando a forma como a imprensa noticiou e comentou o acontecido: *A ligeireza proverbial dos nossos grandes jornais, quase todos, por isso ou aquilo, gratos aos grandes burgueses (...) servindo as folhas volantes (...) aos intuitos cavilosos da alta administração policial, que procurava tornar antiquada a causa dos operários aos olhos da população. Não é só isso, as crônicas e artigos que apareceram dias depois, obedeciam todas ao mesmo esquema.*

¹⁶⁸ RIO, João do. *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Editora Criar, 2006. p.59

¹⁶⁹ MICELLI, Sergio. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977. p. 66-67.

Enfim, os cronistas, além dos recursos materiais, ligaram-se ao jornalismo, através da crônica, em busca dos benefícios simbólicos que ele lhe ofereceria, pois era uma das principais instâncias de consagração e o campo no qual os literatos poderiam se exercitar. As folhas do periodismo proporcionavam-lhes o que eles não encontrariam no livro.

Podemos nos valer da definição de clientes feita por Pierre Bourdieu, inspirado em Weber, para clarificar tanto a relação da imprensa como o poder político, como dos cronistas com a imprensa e o poder político, proporcionado pela combinação jornalismo e literatura. Clientes são aqueles que estão *ligados ao aparelho de modo duradouro pelos benefícios e os ganhos que eles lhes garante, dedicados ao aparelho na medida em que este os mantenha com a redistribuição de uma parte do espólio material ou simbólico que conquista graças a eles.*¹⁷⁰

Como resultado do encontro entre literatura e jornalismo, acentuou-se a diferenciação da literatura acadêmica com a literatura praticada no jornalismo, pouco compromissada com a cultura literária, suas escolas e tendências. Isso gerou uma crise, ou melhor, um embate na escritura literária entendida, pejorativamente, como pré-modernista. Se, antes do denominado pré-modernismo, as lutas entre escolas literárias eram intensas, durante esse período, as atenções se voltavam para a questão da arte pela arte em confronto com a arte encomendada, feita pelos espólios materiais e simbólicos proporcionados pelo jornalismo. Para Cristiane Costa:

*Se a Belle Époque tropical é considerada um período de estagnação literária, em termos estritamente estéticos, por outro lado ela desenvolveu as condições sociais para a profissionalização do trabalho intelectual. E também para sua massificação. Ao contrario do que sonhavam os escritores, porém, essa profissionalização se daria não por meio da arte, a literatura, mas do jornalismo, a indústria. Mudanças econômicas, sociais, tecnológicas e demográficas permitiram a proliferação de jornais na virada do século, criando centenas de emprego. E formando um publico para literatura nacional.*¹⁷¹

A imprensa havia tirado o escritor e intelectual brasileiro da marginalidade e do não reconhecimento. Em contrapartida, obrigou-o a se adaptar a rígidos padrões de produção intelectual, transformado o escritor-artista em escritor profissional, que nem

¹⁷⁰ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand/DIFEL, 1989, p.195.

¹⁷¹ COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 24

sempre escreve pela convicção, mas pelo negócio; que nem sempre escreve pela inspiração, mas pela obrigação de atender às exigências do periódico. Os escritores se viram diante da obrigatoriedade de ter que fazer uma crônica todos os dias, ou toda semana, sob a pressão característica dos jornais e revistas. Os cronistas escreviam sobre praticamente todos os assuntos corriqueiros, até mesmo sobre a própria falta de assunto para fazer a crônica. Como fez Bilac:

Senta-se um homem a mesa, disposto a cumprir, com pontualidade e consciência, o seu dever de cronista, põe diante de si as folhas virgens de papel, empunhada a caneta, e começa a recordar-se do que encheu a semana: suicidou-se ontem, bebendo uma larga dose de ácido fênico. Nisto, com estrépido, o vento encarna a janela, trazendo consigo o cheiro suave das rosas do jardim, e dispersa as folhas de papel, e revoluciona tudo. Agora o pássaro começa a cantar alto, na glória da manhã radiante... Por que é que há de haver gente que se mate? Por que é que há de haver guerra em Porto Rico? Por que é que há de haver fome na Bahia? Por que é que um homem há de ser obrigado a pensar nessas cousas feias, quando Maio desenrola lá fora todo seu fulgor?

Dez da manhã... é cedo ainda para suar sobre o papel... Vamos! Um bom livro e um banco de pedra no jardim... e o livro fica abandonado sobre os joelhos, e o pensamento sai por aí além, vagabundo, sem destino, voando sempre todos os assuntos, sem se demorar em nenhum. (...) Meio dia... Vamos lá escrever o diabo desta crônica! Mas o estomago chora: é preciso contentar o coitado... E, ao fim do almoço, acendendo o charuto, olhando enjoado a mesa do trabalho, dando um olhar a rua, vendo a alegria do sol e das árvores, - santo Deus! Como há de a gente recapitular o que encheu a semana? Não! Fique o povo sem crônica!¹⁷²

Falta de assunto, que diríamos ser na verdade excesso de possíveis temas para uma boa crônica, ou mesmo falta de entendimento ou simpatia dos cronistas por determinadas pautas que se impunham como prioridade naquele momento e careciam de comentários. Fazemos tal afirmação porque os cronistas são narradores dos fatos do cotidiano, dinâmico demais para não proporcionar assuntos. Conforme elucidada Lima Barreto, os cronistas, em certos casos, obrigados pela natureza da profissão, são eles chamados a avançar julgamentos precipitados, improvisados sobre questões de que não conhecem os mais simples elementos.¹⁷³

A obrigatoriedade de escrever um texto todo dia exige muito esforço intelectual

¹⁷² BILAC, Olavo. Crônica. In. DIMAS, Antonio (org.). *Bilac, o jornalista: crônicas: volume 2*. São Paulo: Edusp, Unicamp, Imprensa Oficial. 2006. p. 272-274.

¹⁷³ BARRETO, Lima. Carta aberta. In. RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda crônica: Volume I*. Rio de Janeiro, Agir, 2004. p. 416.

dos especialistas no gênero, que preenchem o despreparo acerca de algum tema ou a falta de inspiração (não de assunto), escrevendo sobre qualquer coisa, sobre tudo e, às vezes, sobre nada. Os cronistas são peritos em tudo e ao mesmo tempo em nada, e se esforçam para não se tornarem previsíveis, escrevendo crônicas idênticas a outras, num esforço quase inútil. Nesse gênero, não há tempo para burilar as palavras, o tempo é curto. Por isso, é necessário que o cronista tenha habilidade, técnica, experiência na arte da escrita, pois somente inspiração não basta; a luta do cronista não é apenas com o excesso de assunto e o tempo curto, é também uma luta contra o espaço pré-determinado pelo jornal. A crônica tem espaço limitado no jornal, o cronista deve escrever seu texto atento a isto, de modo a não exceder o espaço, para não comprometer as outras linguagens que formam o conjunto do periódico.

O ritmo de trabalho dos jornalistas era tão apressado que surgem aqueles que não reconhecem a atividade de escritor como uma profissão, mas como o artista da escrita, fazendo oposição aos escritores jornalistas, pois a escrita apressada não era ainda totalmente incorporada pela literatura, fato que só ocorre com o Modernismo. O poeta Gustavo Santiago é um exemplo dessa forma de pensar, ao ser indagado por João do Rio sobre a influência do jornalismo sobre a arte literária e a relação entre elas, diz:

*Encarando-o sob o aspecto da prática, do exercício, considero-o dos piores. A facilidade com que o público aceita quando se lhe dá; a maleabilidade de espírito necessária no jornalista para o enfrentamento das questões as mais diversas; a pressa com que se é obrigado a trabalhar na redação, a atender à urgência da hora; a banalidade e leveza de comentários, a que se é forçado – são elementos nocivos, que acabam esterilizando, matando o homem de letras. (...) no jornalismo a nota predominante é o bom senso, a chapa, o lugar comum, o cachet prontinho, tudo como sempre e como em toda parte, e isso é a asfixia lenta da originalidade de cada um, o assassinato frio e pausado do poder criador peculiar a cada individualidade. Eu poderia exemplificar, mas as horas adiantam-se...*¹⁷⁴

Ao passo que literatura e jornalismo se confundiam, acentuava-se a dicotomia entre arte e dinheiro, um esforço de distinção entre o literato interessado na arte pela arte e o escritor-jornalista, embate entre o ideal de produzir simplesmente pelo prazer e a possibilidade de produzir pelo dinheiro. Os intelectuais pareciam aderir à lógica de que o escritor que não vende seu talento era o modelo ideal de artista, porém o modelo

¹⁷⁴ SANTIAGO, Gustavo.; RIO, João do (org.). *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Editora Criar, 2006. p. 200.

ideal estava muito distante do real. A profissionalização do escritor não se deu por essa purista via literária, como esperavam os sonhadores, mas pelo jornalismo indústria que incluiu a arte em seu bojo. Veja como Medeiros e Albuquerque pensavam a preocupação de alguns intelectuais com o jornalismo:

A prevenção dos literatos contra o jornalismo é a mesma dos pintores de quadros pelos de tabuletas, dos escultores pelos marmoristas... Sempre que uma profissão usa dos recursos de qualquer arte para fins industriais, os cultores da arte se indignam e depreciam sistematicamente os profissionais, que assim se põe na sua vizinhança. Quanto mais o emprego dos meios é o mesmo e há, portanto, perigo de serem as vezes confundidos, mas também os artistas ostentam o seu desprezo e procuram cavar um fosso profundo entre os dois domínios. O marmorista faz às vezes estátuas que muitos escultores lhe invejariam.

Com o jornalismo sucede o mesmo. Como os jornalistas têm de ser prosadores, os artistas da palavra escrita, achando que eles a empregam para fins de imediata utilidade, procuram desdenhá-los. Demais, no afã da vida moderna, que nem a todos dá tempo para as lentas meditações, o jornal se fez um concorrente temível do livro. Daí o ciúme, a inveja.¹⁷⁵

Diante desse quadro que afetava diretamente a prática da escrita, fez-se necessário saber como se configurava essa relação entre literatura e jornalismo, até que ponto elas eram complementares ou excludentes. Em 1904, João do Rio coloca em prática a idéia sugerida por seu companheiro de profissão, Medeiros e Albuquerque, de criar um questionário com os principais intelectuais do período, na tentativa de fazer um balanço da vida literária brasileira naquela ocasião.¹⁷⁶ Esse documento sobre a vida intelectual brasileira, na virada do século XX, demonstrou como as opiniões estavam divididas sobre a questão do encontro do jornalismo com a produção da arte literária.

Quando o livro foi publicado, em 1908, com 36 depoimentos dados a João do Rio pelos escritores mais destacados na perspectiva do jornalista, Olavo Bilac foi o primeiro a expor o que pensava a respeito da literatura. Lima Barreto não foi sequer cogitado a participar do projeto entre os figurões. As opiniões dos dois sobre essa polêmica também revelam como ambos pensavam a função da crônica. Olavo Bilac, diante da pergunta se o jornalismo é um bem ou um mal para literatura, respondeu:

O jornalismo é para todo o escritor brasileiro um grande bem. É

¹⁷⁵ RIO, João do. *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Editora Criar, 2006. p.58.

¹⁷⁶ Sobre isso ver: Idem.

mesmo o único meio do escritor se fazer ler. O meio de ação nos falharia absolutamente se não fosse o jornal – porque o livro ainda não é coisa que se compre no Brasil como uma necessidade. O jornal é um problema complexo. Nós adquirimos a possibilidade de poder falar a um certo número de pessoas que nos desconheciam se não fosse a folha diária,¹⁷⁷

A resposta de Bilac não haveria de ser diferente, já que foi um dos intelectuais que viveu mais intensamente a vida jornalística. Em sua opinião, a arte não poderia se isolar como um trabalho à parte das outras coisas da vida humana: o poeta, romancista ou qualquer outro artista não poderia se fechar na própria arte ou em si mesmo, ficando indiferente às questões que se desenrolam fora dela. O que era produzido na imprensa, mesmo sendo pago, era também arte literária, o cronista evitava fazer tal distinção, se limitava a distinguir o que era puramente jornalístico do que era literatura no jornal. Naquele contexto, não haveria melhor conceito de arte do que a feita na imprensa, pois era naquele espaço que ela poderia se misturar às preocupações humanas da existência, interferindo e se sujeitando às interferências do seu meio de atuação. Portanto, para Olavo Bilac, o jornalismo era, para a literatura, um *grande bem*.

No entanto, Bilac considerava seu vínculo com o jornalismo um misto de má consciência e fatalismo, ou seja, algo inevitável. O cronista reconhecia o predomínio da imprensa empresarial que abriu as portas para os homens de letras, para ganharem dinheiro e se sustentarem com as crônicas, como para difundirem sua produção literária, aumentando seu público leitor. Numa de suas crônicas ele retrata, numa espécie de justificativa, a razão pela qual se dedicou tão inteiramente ao jornalismo, para isso utilizou a personificação do diabo, que lhe disse:

*Negar o princípio do bem, seria negar também o princípio do mal, e eu não quero absolutamente que se duvide da minha existência...
Quero dever-te um favor. É que aproveites o teu primeiro folhetim para escrever ao menos meia dúzia de vezes o meu nome.
Porque não tem os homens coragem de dizer e de escrever francamente este nome de diabo, tão adorado em silêncio, tão venerado e com tanta razão venerado e adorado, – uma vez que é o Diabo quem dá aos homens o gozo e o lucro – essas duas fontes de felicidade na terra?
O cronista, timidamente, perguntou que recompensa teria, se cumprisse as ordens de S. Ex..
S. Ex. pensou um pouco, e respondeu, com uma gargalhada:
_ para te recompensar, condeno-te a escrever cousas para as folhas durante toda a tua vida, tenhas ou não tenhas assunto! estejas ou não*

¹⁷⁷ BILAC, Olavo; RIO, João do (org.). *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Editora Criar, 2006. p. 19

*estejas doente! Queiras ou não queiras escrever!
E desfez-se no ar. E mais nada. E quem quiser que entenda estas
quatro tiras de papel almaço!*¹⁷⁸

Nessa conversa do cronista com a personificação do diabo, Olavo Bilac expressou como era sua relação com o jornalismo. Ele utilizou a representação do bem e do mal como se falasse sobre a literatura e o jornalismo, de maneira que uma não viveria sem a outra, ou seja, por mais que se quisesse negar o jornalismo, ele era fundamental à literatura. Em contrapartida, ela ajudou a construir o jornalismo e estava bem presente neste, sendo inútil a tentativa de negar que as crônicas, sonetos e folhetins feitos para imprensa eram literários. Na citação acima, a figura do diabo representa a imprensa, vista como a provedora do *gozo* e do *lucro* aos homens de letras, mas que, em troca das recompensas, exige que os homens de letras escrevam para as folhas impressas mesmo contra a própria vontade, ou mesmo quando for necessário contrariar seus próprios princípios e convicções.

Bilac, com certo mal-estar, demonstrava que o ofício de cronista era, ao mesmo tempo, uma recompensa e uma condenação, para se ter uma era preciso aceitar a outra, ele aceitou ambas. A própria crônica declarava que, a partir daquele momento, Bilac continuaria a viver do seu trabalho para as folhas, pois ela era a concretização do acordo firmado com a figura do diabo, já que nela tinha escrito seis vezes o seu nome. Ainda que, com peso na consciência, aceitou a proposta de viver do talento, mesmo sabendo que através dele contentaria vaidades e acataria ordenanças de pessoas e projetos que não aprovava. De certa forma, ele cria que tal sujeição era parte do trabalho daqueles que, como ele, almejavam obter lucros reais com a pena. Silvio Romero reafirma o que Bilac dizia sobre nem sempre escrever aquilo que acredita, pois a crônica não poderia divergir da posição assumida pelo impresso. Sobre isso ele dizia: *quanto à literatura que publicamos nos jornais, lembra os livros impressos no tempo do Santo-Ofício. Não tem o visto da inquisição, mas tem o visto do redator-chefe*¹⁷⁹.

Os escritores que desejavam melhores salários e favores diversos deveriam se identificar com os interesses políticos do jornal para o qual escreviam. Embora tenha se entregado a produzir crônicas irrestritamente para os periódicos e a defender as qualidades da profissionalização intelectual por essa via, o cronista dizia que se algum

¹⁷⁸ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18/04/1897. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁷⁹ ROMERO, Silvio; RIO, João do (org.). *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Editora Criar, 2006. p. 49.

jovem escritor lhe pedisse um conselho o orientaria da seguinte forma: *ama a tua arte sobre todas as coisas e tem a coragem, que eu não tive, de morrer de fome para não prostituir o teu talento!*¹⁸⁰.

Por sua vez, Lima Barreto, em sua rápida passagem pela *Revista da Época*, demonstrou como seria sua postura em relação a vender a opinião. O cronista foi levado para *Revista da Época* por Carlos Viana, um colega dos tempos da Escola Politécnica, que era o principal responsável pela revista. De acordo com Francisco de Assis Barbosa, o periódico sobrevivia custosamente da publicidade e precisou, em 1904, de empenhos de homens políticos para manter sua periodicidade.¹⁸¹ Lima Barreto era secretário e redator da revista, mas pediu demissão por se recusar a tecer elogios aos mandarins da política, em específico a Vicente Machado da Silva Lima, então governador do Paraná.¹⁸² Interessante observar, como mostra Francisco de Assis Barbosa, que, nessa revista, Lima Barreto tinha liberdade de não assinar os textos; mesmo assim, recusou-se a enaltecer políticos que não aprovava. No mês seguinte, saiu a seguinte nota na *Revista da Época*:

*Lima Barreto o nosso querido companheiro, em razão de acúmulo de trabalho deixa o secretário da revista que com tanta dedicação exerceu, continuando entretanto a redigir as suas apreciadas crônicas que têm sempre constituído um great attraction para os nossos amados leitores. Assume o cargo de secretário o nosso distinto companheiro de redação José Veríssimo Filho*¹⁸³

Lima Barreto, apesar de não se desligar completamente da revista, escrevia apenas aquilo que sua consciência o permitia escrever e recebia por essas colaborações, fundamentais em seu orçamento financeiro. No ano seguinte, colaborou, também por pouco tempo, no *Correio da Manhã*, possivelmente levado por Pausílipo da Fonseca ou Bastos Tigre, também amigos da escola politécnica. Sua breve experiência acabou por aumentar a revolta do cronista, que resultou, anos depois, no romance *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, que atacava, com severidade, o jornal e alguns dos nomes que Lima Barreto havia tomado como inimigos dele e da boa reputação, como Edmundo

¹⁸⁰ BILAC, Olavo; RIO, João do (org.). *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Editora Criar, 2006. p. 20

¹⁸¹ BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Belo horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p. 113.

¹⁸² Carta enviada a Carlos Viana, em 28/02/1904, por Lima Barreto. BARBOSA, Francisco de Assis (org.). *Lima Barreto: Correspondência*. São Paulo: editora brasiliense, 1956. p. 51.

¹⁸³ *Revista da Época*. Rio de Janeiro. 03/1904. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Bittencourt, João do Rio, Coelho Neto e outros.¹⁸⁴

Baseado em contribuições de Nelson Werneck Sodré¹⁸⁵, de Tânia Regina de Luca¹⁸⁶ e no próprio romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*¹⁸⁷, podemos concluir que a não adaptação de Lima Barreto ao *Correio da Manhã* e sua frustração com o jornal se deu, em grande parte, porque este jornal, dirigido por Edmundo Bittencourt, apoiava, no começo, a pequena burguesia urbana, as camadas populares e, por esse caminho, se transformou em jornal empresa. Foi no *Correio da Manhã* que Lima Barreto mais sentiu e identificou a transformação da imprensa. Numa crônica publicada para o jornal *Gazeta da Tarde*, o cronista comentou sobre os problemas que sua letra ilegível lhe causava; Lima Barreto se referia, na verdade, ao conteúdo de suas crônicas. Seguindo esse raciocínio, o cronista afirmava que sua produção o impedia de se tornar um escritor renomado, era ela a responsável pelos sofrimentos e humilhações que passara em alguns jornais. Dizia ainda ser ela a responsável por suas inimizades. Sua escrita não condizia com a época, mesmo assim se recusava a mudar de letra, ou melhor, mudar o conteúdo de seus textos para assim poder gozar de maior prestígio. Ele dizia:

*Minha letra é um bilhete de loteria. As vezes ela me dá muito, outras vezes tira-me os últimos tostões da minha inteligência. Estou nessa posição absolutamente inqualificável: um homem que pensa uma coisa, quer ser escritor, mas a letra escreve outra coisa e asnática. Que hei de fazer? (...) abandonei todos os caminhos, por esse das letras; e o fiz conscientemente, superiormente, sem nada de mais forte que me desviasse de qualquer outra ambição; e agora vem essa coisa de letra, esse ultimo obstáculo, esse premente pesadelo, e não sei o que hei de fazer! O mais interessante é que a minha letra, além de me ter emprestado uma razoável estupidez, fez-me arranjar inimigos. Não tenho a indiferença que toda a gente tem pelos inimigos; se não tenho medo, não sou neutro diante deles; mas isso de ter inimigos só por causa da letra, é de espantar, é de mortificar.*¹⁸⁸

O cronista não era contra a profissionalização do trabalho intelectual via jornalismo, entendia que o escritor era um profissional como outro qualquer. Apesar de

¹⁸⁴ BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto 1881-1922*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p.147-148.

¹⁸⁵ SODRÉ, Nelson Werneck. *Historia da imprensa no Brasil*. 4ªed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

¹⁸⁶ LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (organizadoras). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

¹⁸⁷ BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías caminha*. São Paulo, Brasiliense, 1978.

¹⁸⁸ BARRETO, Lima. Crônica. In. *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro. 28/06/1911. Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional.

ter uma tendência, ou preferência, para que o literato fosse reconhecido e pudesse viver da sua pena sem necessariamente ter que passar pelo jornalismo, ele não via com maus olhos o fato de ter um ordenado pelo labor na imprensa. Nada mais justo para ele do que sobreviver daquilo que sabe e gosta de fazer, se o caminho mais próximo era a imprensa, que fosse nela então o cumprimento desse sonho. Como vimos, ele mesmo buscou trilhar esse caminho e o fez até a sua morte. O que Barreto não concordava era que o amor aos benefícios proporcionados pelo jornalismo fosse maior do que o amor pelas letras, pela literatura. Apoiava a idéia de vender o talento, mas era absolutamente contrário à venda da opinião.

Em 1916, por exemplo, Lima Barreto iniciou sua colaboração no *ABC*, um semanário político. No entanto, três anos depois, inesperadamente, ele abandonou o periódico acusando-o de ter publicado um artigo contrário aos negros, recusando-se, pois, a colaborar em um jornal que fosse contra os seus princípios e a sua própria cor. Pouco tempo após sua saída, o Jornal apresentou desculpas e explicações para o cronista para que ele retomasse suas colaborações.¹⁸⁹

Barreto colaborou assiduamente nos jornais e revistas, sustentou sua família e pagou grande parte de suas despesas graças as mais de quinhentas crônicas que escreveu. Teve oportunidades na grande imprensa, mas foram raros os momentos em que o fator econômico ou a troca de favores preponderaram sobre suas convicções. Tudo indica que o cronista viveu radicalmente aquilo que pregava, sem temer os prejuízos e represálias¹⁹⁰, fazendo clara separação e oposição entre simplesmente viver do ofício de escritor e ter lucros reais com o trabalho. Lima Barreto era contra a corrupção literária. Ele afirmava:

O que todos nós desejamos, o que todos nós queremos, é tirar da nossa vocação aquilo com que viver. Seria contradição nossa pedir a fortuna, a riqueza, a abundância dos Carnegies, dos Reockefellers, ou mesmo, do Senhor Afrânio Peixoto. Todo o nosso desejo é viver de acordo com a nossa consciência, com as nossas inclinações; e, quando se sonha desde menino semelhante ideal, tudo quanto o não sirva, nos constrange, nos aborrece, nos mata e aniquila. No Brasil, quem é, de fato, escritor, literato, ama as letras pelas letras, há de

¹⁸⁹ RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda Crônica: Volume I (1890-1919)*. Rio de Janeiro, Agir, 2004. pág. 265.

¹⁹⁰ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. In. *Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993. p.119.

*sofrer impiedosamente e subir o seu Calvário de glória e de amor.*¹⁹¹

Não havia distinção entre a literatura feita na imprensa e a literatura feita fora dela, o cronista acreditava que ambas cumpriam o mesmo propósito, o de ajudar a promover o bem comum. Por isso, Barreto protestava contra a produção de alguns cronistas que, em sua opinião, deturpavam a real noção de literatura, bem como a função do intelectual. Sua postura contrariava a grande imprensa empresarial e os “mandarins da literatura”, justamente por que eles se valiam da crônica para cumprir o papel de defender o interesse de personalidades poderosas, como se fosse o interesse do país, prestando um desserviço à literatura e à sociedade brasileira. Em várias crônicas, Barreto denunciou aqueles que colocavam a pena a serviço da elite carioca, fazendo da literatura puramente um negócio, sem *sinceridade e independência*.¹⁹² Não era contra o fato de se produzir por dinheiro, não colocava isso em oposição ao produzir pela inspiração, desde que o produzir por dinheiro não representasse corromper a integridade e as convicções. Ainda que pelo retorno financeiro ou pelo *status*, a literatura não poderia deixar de ser instrumento de conscientização e de orientação da sociedade.¹⁹³

Para Barreto, não se tratava de saber se o jornalismo era um bem ou um mal para a literatura, mas sim como os indivíduos utilizavam equivocadamente tanto a literatura como os periódicos. Nesse sentido, Barreto reduzia os ilustres homens de letras, que aceitavam qualquer tipo de trabalho desde que bem pago, para enaltecer aqueles que, como ele, preferiam o anonimato e a miséria a prostituir sua opinião. O que afligia o escritor era o fato de os jornais mais lidos acolherem justamente aqueles que se dispunham a alugar sua pena e talento a qualquer objetivo escuso, menosprezando os que não se dispunham a isso. Os grandes literatos para ele eram aqueles que tinham como sina escrever para jornais pouco lidos. O propósito da escrita, Lima Barreto explica sua marginalização:

(...) fazer constar ao público brasileiro que literatura é escrever bonito, fazer brindes de sobremesa, para satisfação dos ricos. A missão da literatura é fazer comunicar umas almas com as outras, é dar-lhes um mais perfeito entendimento entre elas, é ligá-las mais fortemente, reforçando desse modo a solidariedade humana, tornando

¹⁹¹ BARRETO, Lima. Crônica. In. *Correio da Noite*. Rio de Janeiro. 09/03/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁹² BARRETO, Lima. *A.B.C.* Rio de Janeiro, 11/01/1919. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁹³ Idem.

*os homens mais capazes para conquista do planeta e se entenderem melhor, no único intuito de sua felicidade. Os literatos, os grandes, sempre souberam morrer de fome, mas não rebaixaram a sua arte para simples prazer dos ricos. Os que sabiam alguma cousa de letras e tal faziam, eram os histriões; e estes nunca se sentaram nas sociedades sábias...*¹⁹⁴

Lima Barreto se considerava, na qualidade de escritor, como um mosquito que tira o sono da burguesia, dos moços de grandes melenas, com seu zumbido continuo e azucrinador.¹⁹⁵ A comparação é mesmo pertinente, pois o cronista sempre esteve a incomodar os grandes homens da política, do jornalismo e da literatura, todavia sem conseguir grandes feitos, era mesmo uma luta de gigantes contra o mosquito incompreendido, que voava para perto dos acontecimentos, mas pouco tinha a fazer até ser espantado ou ignorado por aqueles que atazanava. Em épocas de higienização, limpeza e saneamento, ser mosquito não devia ser tarefa fácil, pois significava ser mal visto, indesejado e combatido...

Numa crônica escrita para o jornal *Correio da Noite*, o mosquito zumbidor denunciava a falta de independência dos escritores e o destino daqueles que, como ele, recusaram-se a abrir mão de suas opiniões. Talvez fosse esta a maior preocupação do cronista: justificar sua não-consagração, em função da postura que decidira assumir em sua carreira.

A covardia moral e mental do Brasil não permite movimentos de independência; ela só quer acompanhadores de procissão, que só visam lucros ou salários nos pareceres. Não há, entre nós, campo para as grandes batalhas de espírito e inteligência. Tudo aqui é feito com dinheiro e os títulos. A agitação de uma idéia não repercute na massa e quando esta sabe que se trata de contrariar uma pessoa poderosa, trata o agitador de louco. Estou cansado de dizer que os malucos foram os reformadores do mundo. São eles os heróis; são eles os reformadores; são eles os iludidos; são eles que trazem as grandes idéias, para a melhoria das condições da existência da nossa triste humanidade.

O que é preciso, portanto, é que cada qual respeite a opinião de qualquer, para que desse choque surja o esclarecimento do nosso destino, para própria felicidade da espécie humana. Entretanto, no Brasil, não se quer isto. Procura-se abafar as opiniões, para só deixar em campo os desejos dos poderosos e prepotentes.

Dessa forma, quem, como eu, nasceu pobre e não quer ceder uma

¹⁹⁴ BARRETO, Lima. Crônica: Histrião ou Literato In. RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda crônica*. Rio de Janeiro, Agir, 2004. p. 319.

¹⁹⁵ BARRETO, Lima. *Tagarela*. Rio de Janeiro. 09/07/1903 - 16/07/1903. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

*linha da sua independência de espírito e inteligência, só tem que fazer elogios à Morte.
Ao vencedor, as batatas!*¹⁹⁶

Mesmo diante dos empecilhos, foi esta a postura que Lima Barreto assumiu ao longo de sua vida no jornalismo, como profissional das letras. Ele fazia questão de sempre reivindicar e reafirmar sua imagem de escritor incorruptível e o sofrimento que isso lhe causava.

Bilac e Barreto tinham algumas opiniões semelhantes. Seus atos e trajetórias eram, mais fundamentalmente, o que os diferenciava um do outro; sobretudo, em relação à profissionalização do trabalho intelectual via imprensa. A principal diferença entre Olavo Bilac e Lima Barreto é que o primeiro aderiu ao jornalismo incondicionalmente, já o segundo impunha algumas condições e, por vezes, pareceu desinteressado pelo aspecto econômico, primando os lucros simbólicos que a crônica lhe proporcionaria.

As conseqüências do elo entre jornalismo e literatura foram: o alargamento do público leitor dos periódicos mundanos e das obras literárias, prestígio social de autores, maior possibilidade de atuação dos escritores e maior poder de alcance na política republicana. Como vimos, o crescimento da imprensa como empresa se relacionou e foi, concomitantemente à urbanização e à industrialização do país, criando condições para seu envolvimento e proximidade com a organização administrativa da cidade carioca. Com a habilidade de divulgar ideologias, de se envolver com poderes e com a cultura, a imprensa passou a assumir um poder quase inabalável, com uma ubiquidade que só ela seria capaz. Como Bilac já afirmara, ela se transformou no quarto poder, exercendo certa soberania sobre os outros. Segundo o cronista, *nas democracias modernas, o jornal é o quarto poder, um poder tão forte como os outros e mais temível e tirânico do que eles*.¹⁹⁷ Lima Barreto lamentava que todo esse potencial da imprensa fosse uma força de gente poderosa.

Enfim, foi por essa imprensa das duas primeiras décadas do século XX, a partir da crônica, que Lima Barreto e Olavo Bilac pensaram, reconstruíram e construíram imagens da cidade. Defendendo projetos e modelos do que acreditavam ser o melhor para a aclamada cidade carioca. Através das crônicas, os cronistas criaram, em muitos

¹⁹⁶ BARRETO, Lima. *A.B.C.* Rio de Janeiro. 19/10/1918. Acervo Periódicos – Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁹⁷ BILAC, Olavo. *Kosmos*. Rio de Janeiro, 05/1906. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

cérebros, a impressão de uma sociedade futura, ainda distante e distinta da que estava em formação.

CAPÍTULO II

LIMA BARRETO E OLAVO BILAC NA(S) CIDADE(S) DAS FOLHAS

*Uma velha e feia cidade, de ruas estreitas e mal calçadas, mas não sei porque, mais interessante, mais sincera, do que esse rio binocular que temos agora, com avenidas e palácios de fachadas, só cascas de casa, espécie de portentos cinematográficos.*¹⁹⁸

Lima Barreto

*(...) a cidade já não é a mesma e ainda não é outra; há um crepúsculo de transição, crepúsculo espalhado e longo, entre as duas fases da vida urbana.*¹⁹⁹

Olavo Bilac

“Lima Barreto e Olavo Bilac na(s) cidade(s) das folhas”, cremos que o título deste capítulo seja uma das nossas maiores preocupações, sobre ele pululam inúmeras indagações, mediante as quais desejamos nos ocupar ao longo dessas páginas. Quais são as cidades das folhas? O que as tornaram possíveis? De que forma Lima Barreto e Olavo Bilac se relacionam com as cidades das folhas, que circulavam nas ruas da cidade? Como os cronistas perceberam o Rio de Janeiro e compartilharam suas percepções nos jornais e revistas? Que percepções são essas que fazem emergir imagens fatiadas do Rio de Janeiro? Talvez sejam essas algumas das perguntas que movem toda a discussão ao longo do capítulo.

Posicionamos nossas lentes de observação nas páginas dos periódicos, para investigar as imagens do Rio de Janeiro criadas pelos cronistas cariocas. Nos surpreendemos ao notar que a cidade que privilegiamos, nas folhas, transformou-se em cidades. Lima Barreto e Olavo Bilac apresentaram pontos de vistas diferenciados sobre o Rio de Janeiro, que nos dão a impressão de que a cidade se multiplicou em cidades

¹⁹⁸ Barreto, Lima. Diário Íntimo. In. *Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993.

¹⁹⁹ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13/08/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

que se interagem e se misturam. Do alto do morro, alguém observa a Avenida Central; da Avenida, outra pessoa observa o morro; do morro um sujeito assusta-se ao ver que hábitos da avenida subiam morro acima; da avenida, alguém olha e se espanta ao notar que costumes e tradições do morro passeavam pela aplainada e larga rua. Muitos se surpreenderam ao acompanhar o morro que se tornou em avenida. Desses possíveis olhares se formaram as crônicas, ou melhor, a cidade feita texto que retornou às ruas como cidades possíveis, ou quem sabe, recortes da Capital Federal. Bilac e Barreto nos oferecem suas visões literárias e/ou jornalísticas do espaço urbano do Rio de Janeiro no momento em que as ruas eram foco de atenção não só da imprensa, mas de toda a sociedade carioca.

2.1 PENA NA MÃO, OLHOS NAS RUAS, CIDADE NAS CRÔNICAS

Antes de visitarmos as cidades das folhas, vamos refletir um pouco sobre o aspecto biográfico dos cronistas durante as duas primeiras décadas do século XX, para analisar a relação dos mesmos com os jornais e revistas que acompanharam o processo de transformação urbana do Rio de Janeiro. A trajetória de Olavo Bilac e Lima Barreto no jornalismo ajuda a tornar inteligíveis suas opiniões a cerca da cidade, a posição assumida por eles e o momento da carreira jornalística de cada um em que suas crônicas se voltaram com maior intensidade para o aspecto urbano da cidade carioca. Essa reflexão elucidará porque as crônicas de Olavo Bilac foram um pouco mais focalizadas neste trabalho do que as de Lima Barreto.

O auge da carreira de Olavo Bilac como jornalista foi durante a primeira década do século XX, momento em que ele mais escreveu para os jornais e mais recompensas recebeu, tanto simbólicas como materiais. Sua contribuição mais intensa foi entre os anos de 1903 a 1908, seu apogeu na imprensa coincidiu justamente com o auge da transformação urbana na cidade do Rio de Janeiro, que tantos debates e curiosidades suscitou, que impressionou a tantas pessoas. Quase todas suas crônicas trataram da suposta reformulação (física) urbana da Capital Federal, fosse como tema principal ou secundário, mesmo quando ocupava apenas um parágrafo em toda crônica.

Durante esse período, ele escreveu para os maiores e mais renomados jornais e